

B. N. L.

18878

H.-G.

BAZILIO TELLES

A Situação Militar Europeia



PORTO
LIVRARIA MOREIRA--EDITORA
42, PRAÇA DA LIBERDADE, 44

1915

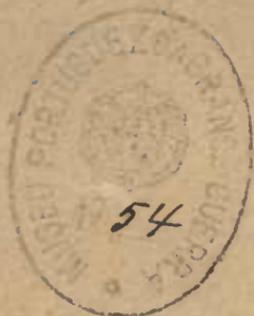
18878
BASILIO TELLES

A Situação Militar Europea



LIVRARIA MOREIRA, L.
24, RUA DA LIBERDADE, 11
PORTO

PORTO
LIVRARIA MOREIRA--EDITORA
42, PRAÇA DA LIBERDADE, 44
—
1915



Composto e impresso na TYP. SANTOS

⊗ 62, Rua das Flores, 64 — PORTO ⊗

A situação militar europea

Sendo objecto d'este opúsculo o exame do actual conflicto europeu no seu aspecto militar, convem á completa intelligência da questão resumir primeiro as operações d'essa índole já realizadas, e n'este momento proseguidas. O seu provavel desfecho, vê-se-ha depois.

Na frente occidental, logo a seguir á declaração de guerra á França em 2 d'agosto, os Allemães invadem o Luxemburgo e a Bélgica, apoderam-se da linha do Mosa pela tomada de Liége e de Namur, rechaçam os belgas sobre Bruxellas e d'ahi sobre Antuérpia, e vão ao encontro dos Franco-inglezes na linha Mons-Charleroi em fins d'agosto.

Vencida esta batalha, invadem a França com a sua direita e o centro, e levam-n'os deante de si até ao Marne, que chegam a transpôr nos primeiros dias de setembro. Aqui, e apesar do exército alliado ter recebido ordem de retrogradar para junto do Loire, é sustada a offensiva, cessando a direita allemã a sua marcha sobre Paris, e pronunciando um movimento para sueste. A 6 d'esse mez, aproveitando esta indecisão ou mudança de plano do inimigo, toma o exér-

cito anglo-francez por seu turno a offensiva, apoiado na sua esquerda pela guarnição da capital, e força-o a recuar successivamente para além do Marne e do Aisne, durando esta segunda batalha uns cinco dias. Os Allemães porém fortificam-se solidamente na margem direita d'este rio, e frustram todas as tentativas para o desalojar das suas posições ao longo d'elle e na Argonne, emquanto a sua direita ameaçada por um movimento involvente vae recuando e desdobrando-se regularmente para o Norte. No fim de setembro considera-se terminada esta terceira batalha, pela impossibilidade manifesta de expulsar o inimigo das posições onde se tinha enraizado, substituindo-lhe canhoneios e ataques parcellares e intermittentes.

Entretanto, os Allemães proseguiam na invasão da Bélgica, occupavam successivamente Bruxellas, Louvainna, outras cidades e praças fortes do paiz flamengo, chegando no começo d'outubro deante d'Antuérpia. Depois d'um terrivel bombardeio d'alguns dias, tomam (a 9) este famoso campo intrincheirado, que os Belgas e um reforço de marinheiros inglezes evacuum, logo em seguida Gand, Bruges e Ostende, d'onde a esquadra ingleza retirara com os fugitivos d'Antuérpia, e tentam a invasão da França pelo Norte, ao terminar o mez d'outubro. Lille e os seus fortes de cintura são depressa reduzidos; mas, com a approximação do inverno e as obras defensivas organisadas pelo exército alliado desde Ipres até Nieuport, o paiz das dunas resiste victoriosamente á investida, embora os Allemães conseguissem transpôr o Iser e conservar-se na sua margem esquerda por alguns dias. Desde então, todo o esforço dos combatentes tem consistido em consolidar cada um as respectivas posições, e em dar á guerra que se fazem a mesma

feição parcellar e intermittente que vinha mostrando em toda a linha.

Na frente oriental, os Allemães adoptaram desde o começo uma attitude meramente defensiva dentro do seu próprio território; a offensiva coube aos seus allia-dos na Polónia, e aos Russos na Galícia. A offensiva austro-húngara, não obstante haver momentaneamente ameaçado Lublin e Ivangorod, depressa teve de ser abandonada para se converter em defensiva. A offensiva russa, embora lenta e fraca no principio, ao que parece, adquire gradualmente impulso e força, após a tomada de Lemberg sobretudo, não só na Galícia mas na Rússia oriental. Jaroslaw, uma das praças fortes que protegem Przemysl, é reduzida uns vinte dias apenas depois da occupação d'aquella capital do antigo reino da Galícia, e preparado o cêrco do grande recinto en-trincheirado sobre o San (affluente do Vístula superior, pela direita) depois d'expulsos os Austríacos de Lublin, e da região entre este rio e o seu affluente Wieprz que tinham invadido. A invasão russa da Prússia oriental parece ter obedecido apenas ao propósito de mascarar o seu principal objectivo, que era impedir uma coope-ração allemã com os Austro-húngaros, completar a mobilisação e reforçar as linhas estratégicas do Vís-tula. Isto explica porque foi rapidamente repellida, invadindo por seu turno os Allemães o território russo confinante, entre Kovno e Grodno. Mas a offensiva inicial foi depressa retomada, e os Allemães obrigados, pelo revez soffrido em Angústow, a retroceder para sua casa e a manter-se por algum tempo aqui na de-fensiva. Desde então, em toda esta ala esquerda oriental (entre o Vístula e o Niemen), tem havido apenas uma série d'operações sem resultado decisivo, em que

Alleães e Russos ora avançam ora recuam, são agora agressores e amanhã são aggedidos, até á occupação da cidade marítima russa de Libau, e a invasão consecutiva da Lithuânia do norte e da Curlândia pelos primeiros. Actualmente, os Russos, que téem cedido terreno devagar, esforçam-se por manter o invasor longe de Riga (no fundo de golpho de Livónia), e conservam uma attitudo puramente defensiva ao longo de toda a sua direita, desde aquella região até ás margens do Narew, na sua confluência com o Bug.

As mesmas alternativas d'avanzo e de recuo no centro e na ala direita dos Austro-alleães, na Polónia e na Galícia, occorreram desde que o cêrco de Przemysl foi iniciado, ora approximando-se do Vístula e do San, ora retirando sobre a fronteira da Posnânia e sobre os Karpathos. Nada menos de quatro investidas foram feitas na intenção de se apoderarem de Varsóvia e de romperem o cêrco d'essa praça da Galícia; e todas foram repellidas pelos Russos. A tomada por estes de Przemysl fez pensar por um momento no assédio consecutivo de Cracóvia, e na invasão ulterior da Silésia prussiana, ou mais provavelmente da Hungria se conseguissem transpôr os desfiladeiros dos Karpathos. Mas aqui a resistência austro-húngara manifestou-se insuperavel; e por outro lado, os Alleães, em cooperação com os seus visinhos alliados n'um plano de acção commum, iniciaram uma investida formidavel, a quinta, que recuperou todas as praças fortes da Galícia, expulsando o's Russos da quasi totalidade d'este reino, e compellindo-os a recuar, principalmente á sua esquerda, dentro do seu próprio território. A situação actual, como resulta dos últimos telegrammas e notícias de procedência diversa, pode resumir-se como

segue: o Bug, forçado no seu curso superior (cercanias de Sokal); o Wieprz, transposto igualmente na parte superior do seu curso; Lublin e um troço de linha-férrea Cholm-Lublin, occupados, e aquella cidade já evacuada pelos Russos; ao longo do centro dos exércitos belligerantes, Ivangorod investida, o Vístula transposto entre esta fortaleza e a foz do rio Pilica (affluente do Vístula pela esquerda), Novo-Georgewsk ameaçada pelo extremo d'este centro; no princípio da ala esquerda, o Narew transposto em vários sítios, e as principaes posições fortificadas ao longo d'elle, de Serotsk (na sua confluência com o Bug) a Ostrolenka occupadas, Varsóvia, n'uma espécie de fundo de sacco entre Serotsk e Ivangorod, ou antes, entre o Bug inferior e o baixo curso do Wieprz, em risco de ser sitiada e reduzida. Tal era a situação nos fins de julho.

A linha toda (esquerda, centro e direita, referidos ao exército atacante) começava pois no sul de Riga, passava successivamente pelas regiões de Kovno, Kalvária, Augustow, Lomza, Narew (affluente do Bug pela direita), ao longo do Vístula pela esquerda (exceptuada a parte já transposta), Ivangorod, Lublin, Krasnistau Sokal, e terminava n'um ponto indeterminado na fronteira da Bukovina. A parte da Galícia ainda occupada, se é que o estava, restringia-se segundo as últimas noticias (em julho) recebidas d'essa zona, a uma estreita faixa entre Sokal e o Dniester.

Do campo da lucta no Levante, pela escassez relativa d'informes e tambem pelo character especial que ella reveste, tem sido muito mais sóbrio o quadro dos successos militares. A Turquia entra na guerra, ao lado dos impérios do Centro, em princípios de novembro do anno findo. As operações iniciaram-se na Ar-

ménia, como era de esperar; e julgou-se por algum tempo que romperiam egualmente na fronteira do Egypto. Mas, se alguma tentativa dos doze mil Turcos, que se dizia concentrados na península do Sinai para se apoderarem do canal de Suez, passou com effeito a realizar-se, depressa foi neutralizada pela resistência do exército anglo-egypcio, e talvez sobretudo pelas condições desfavoraveis do terreno e pela resolução dos indígenas em se manterem socegados. Cêdo, pois, se desinteressaram os leitores europeus dos minúsculos episódios que o télégrapho, de vez em quando, dizia occorrerem d'esse lado. A campanha da Arménia tambem pouco os interessou, certamente por conhecerem mal a geographia do paiz, ser a lucta empenhada entre forças relativamente diminutas, não podendo pesar muito no desfecho da que se travara na Europa, e não haver n'ella proeza de vulto a registrar.

O interesse do grande público só desponta, e não tarda mesmo em lhe empolgar toda a attenção, quando os jornaes communicam que os Alliados se propunham forçar os Dardanellos. Era a queda da Constantinopla, o regresso à posse d'Europeus da famosa Byzâncio conquistada pelos Turcos em 1453; era talvez o golpe de misericórdia vibrado pelos Anglo-francezes sobre a obstinação dos Austro-allemaes; era talvez a perspectiva da paz, e a perspectiva, mais seductora porventura, das questões que a estrondosa façanha necessariamente sopraria. Cada espectador do bello drama cuidou logo, pois, de se installar commodamente na sua mais confortavel cadeira, como se estivesse n'um *fauteuil* da Grande-Ópera, e d'aguçar olhos e ouvidos para a menor sombra e o mais imperceptivel rumor que perturbasse a limpidez e o silêncio d'esse Oriente fascinante. Até

nós mesmo, d'ordinário impassível, por temperamento e um longo hábito, deante dos factos que tiram a serenidade a toda a gente, sentimos a emoção do imprevisô espicaçar-nos. Não que nos surpreendesse, no mínimo grau, a ideia em si: já a tínhamos debatido comnosco pouco depois que a Turquia entrou na guerra. Surpreendeu-nos a resolução de a pôr em prática, pelas complicações que, n'aquelle exame mental do problema, lh'encontramos. Affirmôu-se, não sabemos com que fundamento, que a ideia fôra suggerida pelo ministro inglez Mr. Lloyd George aos Alliados, e parece que perfeitamente acolhida pelo elemento militar. Não é impossivel,—sobretudo se estava assente já a solução ao problema complexo que a tomada da esplêndida cidade não podia deixar de propôr a tantos povos interessados no assumpto. Todavia, se havia já a solução a que alludimos, quer-nos parecer que os factos a poderiam muito bem contrariar, e que a tentativa, militarmente considerada, offerecia todos os visos de não ser mais do que uma aventura, mesmo nas condições relativamente propicias em que foi effectuada, e de se tornar um desastre completo por pouco que essas condições viessem, por um motivo qualquer, a peiorar. Não antecipemos, porém, considerações a produzir n'outro momento, e resumamos os successos.

A *maxilla* dos Dardanellos principiou a ser bombardeada, nos seis fortes avançados d'uma e d'outra costa, a 19 de fevereiro. Bombardeada systematicamente e por uma esquadra poderosa, está entendido; porque antes já soffrera alguns ataques, intermitentes e frouxos, por pequenas unidades, e alguns navios destacados. Parece ter sido o plano da esquadra franco-ingleza forçar apenas a passagem, isto é, attin-

gir o mar de Mármara primeiro, e só depois desembarcar as forças de terra indispensaveis para, com o seu auxílio, reduzir Constantinopla. Se era esse na realidade o seu intento, claro que toda a « festa », como diziam os nossos antigos marinheiros, tinha de ser d'artilheria; que se lhe tornava preciso destruir, ou reduzir ao silêncio, os fortes e as baterias em duplo cordão ao longo d'uma e d'outra margem, e além d'isso precavêr-se contra a sementeira de minas que obstruíam o canal desde a sua embocadura, e que tem nada menos de 75 km. de comprimento, com uma largura variavel entre $1 \frac{1}{5}$ e 4 milhas, ou seja $1 \frac{1}{4}$ a 7,5 km. A crêr-se nos telegrammas, as operações foram correndo, embora morosamente, com bom êxito até certa altura do estreito, emquanto a sua largura relativa lhes dava umas taes quaes facilidades. Mas a espécie d'estrangulamento e a inflexão brusca que apresenta, a menos da distância média entre as duas embocaduras, precisamente quando a península de Gallipoli principia a alargar-se attingindo o seu máximo d'amplitude, e que os dous reductos fortíssimos de Tchanak (a leste) e Kilid-Bahr (a oeste) tornam em extremo perigosos de transpôr, parece terem sustado de vez os progressos até ahi realizados. Todos os esforços para caminhar além d'essa garganta apertadíssima se frustraram. Os fortes e reductos d'uma e d'outra costa, da asiática sobretudo, que os navios atacantes não tinham conseguido reduzir, continuavam a responder victoriosamente ao canhoneio avariando a sério varios d'elles; as minas entravam a metter no fundo outros; e a investida, que talvez se julgava ser questão apenas d'algum tempo e d'algum risco, annunciava-se como impossibilidade manifesta. Foi então, ao que presumi-

mos, que se resolveu mudar de rumo, e ensaiar um desembarque de gente. Inutil insistir sobre o resultado que d'elle téem colhido até agora os Alliados. A península na sua região a sudoeste, onde o exército Anglo-francez tem desembarcado por fracções, em vez de por uma só vez e em consideravel effectivo, é demasiado estreita para evoluções militares em grande escala e decisivas; e os Turcos, solidamente entrincheirados na restante para nordeste, e em livre communição côm o seu território europeu e o mar de Mármara, véem-lhes oppondo a mesma resistênciã invencivel que o gargalo penhascoso de Kilid-Bahr e Tchanack-Kalessi. É um «inferno», segundo a qualificava um crítico estrangeiro, uma «aventura», conforme a designava o general inglez mandado expressamente a examinar a situação, á guisa de especialista afamado á cabeceira d'um enfermo, — a lucta desesperada n'essa formidavel mandíbula eriçada de penedos, de trincheiras, de canhões e de soldados. Accresce que os submarinos alle-mães já fizeram a sua apparição n'essas paragens, e um d'elles metteu' a pique, d'entrada, o «*Triumph*» e o «*Magestic*». De maneira que n'este começo d'agosto a situação da *queixada* dos Dardanellos tende a assumir o mesmo character chrónico, enervante, sem deixar de ser terrivel, que ha muitos mezes vem assumindo a frente occidental. Ha mais de cinco mezes que os fortes exteriores receberam a primeira visita solemne dos obuzes da esquadra, e a inexoravel guela continúa, dir-se-hia impassivelmente, a engulir defensores e asaltantes.

Egual feição ameaça revestir a frente onde Austriacos e Italianos se guerreiam. Em fins de maio, ao ser declarada emfim a belligerância e ainda em princípios

do mez immediato, tudo parecia correr ao sabor destes nossos irmãos latinos. Os primeiros telegrammas recebidos quasi que só annunciavam sensiveis progressos, e até victórias importantes nas fronteiras da Ístria e do Trentino. Havia tal crítico professional entusiasta, discorrendo sobre os éxitos obtidos por mar e por terra, e appellando para os seus vastos conhecimentos no assumpto como, sem dúvida, para informes pessoases completos acêrca das forças em presença e da topographia da região, nos pontos de vista militar e geológico,—havia tal crítico — dizemos — que dava os Italianos senhores, em prazo breve, pelo menos do Trentino, d'uma parte do Tyrol, de Trieste, e talvez dos portos de Pola e de Fiume. Já lá vão mais de dous mezes; e ás marchas para a frente em toda a extensão da fronteira do Friul, que esses telegrammas registavam, succedeu uma situação estacionária, indecisa, com alternativas d'avance e de recuo, tal qual exactamente todo o mundo vem verificando, com mal occulto mau humor, nas outras frentes, exceptuada só a oriental. Sem prejuizo de voto mais auctorizado que o nosso, os Italianos progrediram no começo emquanto a planura do solo, a suavidade dos outeiros que o ligam aos mássijos montanhosos, os trabalhos e o próprio plano defensivos do adversário o consentiram. Desde que a muralha alpina e os reductos alcandorados nos relêvos e outros pontos estratégicos principiaram a receber os assaltantes, naturalmente o ímpeto inicial, fossem quaes fossem, de resto, a competência dos chefes e a valentia dos soldados, milagre seria que não entrasse a esmorecer. E' assim, em todo o caso, que vimos justificando aos nossos olhos a carência de noticias sobre novos progressos na região do Trentino e do Tyrol, e a insi-

gnificância dos que se têm effectuado (segundo versões de Roma) na direcção de Goritz e de Trieste. Não crêmos que seja o Isonzo, rio pequeno que a engenharia militar tornaria facilmente transponível, o «risco mágico» da feiticeira que se oppõe ao avanço italiano; oppõem-se-lhe, segundo as nossas impressões á falta d'elementos para formar opinião, innúmeras difficuldades do terreno, habilmente aproveitadas e desde muito reforçadas pelos engenheiros austro-húngaros.

Por mar, nenhum ataque sério tem sido archivado até hoje contra os portos austríacos, nem da Dalmácia nem da Ístria; ou vice-versa, contra os portos italianos, ainda que só do norte do Adriático. Apenas tem havido algumas escaramuças sem valor entre pequenas unidades, uma ou outra tentativa fruste sobre diversos navios, obras e edificios isolados, e vários reconhecimentos, parece, de que resultaram as perdas do «*Amalfi*» e do «*Garibaldi*», excellentes couraçados, pelos submarinos inimigos. No mar e em terra, pois, a situação acêrca d'um mez que não accusa modificação apreciavel, e nada presagia por'ora que venha a ter, breve, repercussão de vulto nos outros campos de batalha.

De resto, empreendimentos marítimos d'importância parece estarem postos definitivamente de lado por enquanto. A princípio ainda tivemos alguns combates que attrahiram a attenção do grande público: o recontro de Hêligoland, a destruição d'alguns navios inglezes no Pacífico, a desforra ingleza nas ilhas Falkland no Atlântico do Sul, o combate de cruzadores em Dogger Bank (24, janeiro), as proezas e a captura final do «*Emden*» e do «*Konigsberg*», no Pacífico e no mar das Indias; e no decurso deste anno além do

recontro de janeiro, o ataque aos Dardanellos, o bombardeio e desembarque em Libau (porto russo da Curlândia), e sobretudo o desenvolvimento da acção dos submarinos quer no bloqueio da Grã-Bretanha, quer em diversas offensivas parciaes nos mares da Europa. São todos porém incidentes secundários, subordinados em regra a objectivos d'outra ordem, e a operações dos exércitos nos differentes campos de batalha. As esquadras dos impérios do Centro continuam a manter-se engarrafadas; e por todo o tempo que, d'esse modo, evitem systematicamente o inimigo, poder-se-ha dizer que a verdadeira guerra naval não começou.

De maneira que, em resumo e abstrahindo dos tres pequenos povos envolvidos na lucta, por não poderem influir no seu desfecho: sete grandes Potências militares, tres contra quatro, defrontando-se em quatro diversos campos de batalha, e uma situação quasi estacionária em cada, salvo a Polónia, onde é raro o dia em que não haja a assignalar algum progresso em favor dos Austro-allemaes.

O que sahirá desta sua nova tentativa, e em geral que novo rumo tomarão os successos militares? Claro que não temos a insensata pretensão de resolver um problema que o mais abalizado crítico da especialidade não se atreve sequer a formular explicitamente, e em termos rigorosos. Repetimos que a nossa competência no assumpto eguala a dos leitores habituaes dos periódicos, e que, suppondo mesmo que soubessemos raciocinar sobr'elle com tal qual coherência e exactidão, não dispomos dos elementos necessários para ensaiar uma resposta. As rápidas linhas que vão lêr-se

fica, por este modo, explicado que não são, não podiam ser jamais, nem uma crítica nem uma coordenação técnicas d'alguns factos conhecidos d'essa espécie; são um mero e succinto apanhado d'alguns pontos curiosos a destacar do conflicto armado, e uma simples suggestão do que elles auctorisem a suppôr como provavel, queremos dizer, uma indicação muito summaria d'alguns possiveis successos que logicamente julgamos estar contidos n'elles. Ninguem duvida, cremos, de que os acontecimentos humanos em si, isto é, seja qual fôr o terreno especial em que decorram, tenham sempre alguma lógica, obedeçam a principios geraes, ligados á analogia essencial da intelligência e do character nos individuos que n'elles são participantes; que sejam portanto, e independentemente de qualquer educação especial, susceptiveis de serem, senão previstos, pelo menos visionados como inferências defensaveis, desenvolvimentos virtuaes, elos complementares — para nos servirmos d'esta expressão correntia — n'uma série em que nos são regularmente conhecidos os principaes, os que para nós a definem, os que lhe conferem physionomia e direcção.

Primeiro algumas observações geraes que os factos atraz resumidos suggerem.

—O protrahimento da lucta, que não sabemos se foi previsto por todos os seus participantes, deve-se principalmente á intervenção da Inglaterra. Não pela força máterial d'este paiz, que por terra não contava como valor prevalecente, mas pela energia moral que a sua attitude infundiu nos Alliados. A resistência dos Belgas, embora secundária na contenda apesar do que se tem dito, e a victória do Marne, comquanto sub-en-

tenda as notáveis qualidades do exército francez, são em grande parte uma obra sua. Não foram os noventa ou cem mil homens, no máximo, que expediu para o continente, e que nem sequer passaram além de Mons-Charleroi, a razão porque foi vigorosamente amortecido na Bélgica, e depois sustado na França, o violento choque inicial dos Allemães; foi a sua *simples presença*, foi também a presença dos navios inglezes em Ostende, e tinha sido, antes, a certeza dada á Belgica e á França de que a neutralidade belga seria defendida, e a immundade da costa septemtrional franceza, assegurada. Foi, n'uma palavra, a *convicção* adquirida por Belgas e Francezes de que a poderosa Grã-Bretanha, com a enormidade do seu prestígio, e a dos seus recursos navaes e financeiros, estava, com firmeza, do seu lado. Para quem conheça bem o temperamento dos Latinos, o do povo francez especialmente, torna-se inutil encarecer a repercussão material que esse mera garantia e aquelle pequeno auxilio militar representavam. Imagine-se a Inglaterra notificando aos dous povos atacados que se desinteressava da contenda: a Bélgica mal chegaria a esboçar uma tentativa séria de defeza; a França, já repellida em Mons-Charleroi, e a quem faltaria o estímulo precioso e opportuno de accamaradar, para a vida e para a morte, com a forte Inglaterra (Declaração de 5 de setembro) é quasi certo que não rechaçaria no Marne os invasores. A campanha ficaria em breve concluída no occidente pela occupação da Bélgica e pela tomada de Paris; e os Russos, sósinhos, d'então em deante, em frente de toda a superioridade, mesmo numérica, dos Austro-allemaes, seriam com análoga celeridade reduzidos, ainda que os Turcos não viessem reforçar os aggressores. Seis mezes bastariam para que o trium-

pho do bloco imperial fosse mais que completo, se não no mar, no continente.

Que fosse este, nas suas linhas geraes, o plano allemão parece-nos que se pode deduzir do início e da sequência da campanha, e das próprias palavras do chanceller e do secretario d'Estado dos negócios extrangeiros da Allemanha, transcriptas nos despachos de *sir. E. Goschen* para o seu Governo em Londres: a Rússia tinha o «número», e a Allemanha a «velocidade» a seu favor. Intervindo na questão, a Inglaterra podia frustrar, como frustrou, este plano; e conseguiria sempre ganhar tempo. ganhando tempo, remediava o seu incomprehensivel descuido em não ter disposto um exército que pezasse nas luctas a travar no continente, submettia á prova a fidelidade das suas populações coloniaes não inglezas, contrabalançava as forças militares do inimigo incitando contra elle outras nações, punha o seu immenso crédito e os seus recursos financeiros á disposição dos Alliados, e obviava ao perigo, muito grave, do seu isolamento futuro. Em summa, «egualava a partida» o mais possivel, como é uso dizer-se em linguagem popular. É possivel que os seus homens d'Estado não medissem logo, não obstante a sua notória perspicácia, todas estas consequências, além das indicadas acima, da attitude que resolveram adoptar. Nem porisso deixariam ellas, mais tarde ou mais cedo, de mostrar-se. É evidente que foi a victória do Marne a condição *sine qua non* de todo o desenvolvimento ulterior dos successos militares, e até políticos; foi ella que tornou possivel não apenas a resistência, mas a concepção d'um largo plano de lucta por parte das Potências alliadas, e essa victória seria mais que duvidosa sem a intervenção da Inglaterra-

ra. Se estamos insistindo n'este facto é menos pela significação que reconheça, e reconhece, como proeza militar do que por ser o ponto de partida da generalisação do conflicto, da reorganisação completa de todos os recursos offensivos e defensivos que foram pondo em obra os combatentes, e sobretudo da descrença, desânimo, desapontamento, conforme se julgue melhor designar essa disposição sentimental do grande público, a respeito do poder irresistivel da Allemanha.

A massa dos leitores que vão seguindo as phases da lucta nos jornaes nada quer saber d'estratégias, e é bastante sensivel, como em tempo muito bem fez observar o snr. José de Magalhães, á grandiosidade e á belleza d'uma investida triumphante. Ella não se mette a discutir quem sabe mais ou menos do officio, nem a averiguar quem tem razão. O que a seduz é uma arrancada impetuosa; o que lhe provocam a admiração e o applauso são o triumpho e o esmagamento fulminantes. O destroço anglo-francez no Marne e a reducção immediata de Paris pelos Allemães eram, no dia seguinte, a Europa toda a seus pés, em adoração. Esse revez—lancemos francamente esta heresia—fez-lhes mais mal, prejudicou mais gravemente a sua causa, do que todos os atropelos que lhes são attribuidos, e mesmo algumas crueldades inuteis de que foram accusados. Esmagar, aniquilar depressa com estrondo: o grande público não esperava, nem desejava no íntimo pois, outra cousa da formidavel máchina guerreira que se tinha ameaçadoramente posto em marcha contra a Bélgica. A certa altura, porém, a máchina emperrou, e o público, descoroçoado, retrahiu-se mal disposto.

Seria, todavia, um erro suppôr, que s'enthusiasmou

com o pedregulho que a fez descarrilar. Excepto os profissionais, que a sabiam aquilatar pelo seu valor, ninguém sentiu um frémito d'admiração nem d'alegria pela brusca reviravolta d'Inglezes e Francezes. Repellir não desperta a mesma emoção ansiosa que atacar, ainda que o éxito acompanhe o movimento. Não revela a força, o impulso, a decisão, o como automatismo inexoravel e sereno de conjuncto em que reside todo o encanto d'um ataque por qualquer mecanismo d'agressão bem dirigido. Sympathia, satisfação interior, um movimento espontâneo d' affecto, de solidariedade talvez—é quanto conseguirá d'esse immenso anonymato que o contempla todo aquelle que se pôde desembaraçar d'uma aggressão; enthusiasmo, jamais. E aquelle que pelo seu arrojo e habilidade lh'empolgaria o coração se anniquilasse o adversário, sem desfallecer nem hesitar por um só momento, poderá ainda impôr-lhe mêdo, a esse espectador amorpho e impessoal, no caso de lhe falhar o golpe em perspectiva, mas tem que renunciar a manter intacto o seu prestígio anterior. Foi o que sobreveio aos Allemães quando, forçada ou voluntariamente, suspenderam a esperada aggressão contra Paris, de perseguidores se tornaram perseguidos. Ninguém perguntou sequer, exceptuados sempre os militares, se a manobra demonstraria grande perícia e notaveis qualidades. Falhara o golpe: é o que interessava apenas á vasta galeria em anciedade. E a decepção que produziu em toda a gente o imprevisto desfecho ao que estava parecendo uma marcha triumphal, foi a razão impeditiva, julgamos nós, da formação em muitos paizes d'uma corrente d'opinião a favor dos Austro-allemaes comparavel á que ulteriormente se formou em favor dos Alliados.

A única maneira de fazer perdoar a violência é não falhar á expectativa. O quartel general allemão parece ter esquecido esta verdade, de psychologia elementar. Parece ter contado apenas com as apreciações da minoria militar no estrangeiro, para se justificar do inéxito da sua inicial investida, e desdenhado as impressões da multidão, apesar da sua influência soberana nas attitudes e actos dos Governos. E até mesmo para essa minoria militar ficou soffrivelmente obscuro, julgamos ainda, o motivo poderoso a que a desistência em proseguir na invasão da França obedeceu. E impossivel que esses profissionaes se não propozessem o seguinte dilemma a tal propósito: se houve um erro qualquer, de concepção ou d'execução, que explica a desistência, o exército invasor, como máchina offensiva, vale um pouco menos do que se tinha apre-goado: se não houve, commetteu-se politicamente um erro enorme não se marchando sem hesitação sobre Paris, apesar do ajuste de Londres (5 de setembro) entre Inglaterra, França e Rússia. A conquista da grande cidade não retiraria a França da contenda, não ha dúvida, não ha dúvida ainda em que levaria bastante tempo, implicaria vários perigos, e sacrificaria muitos homens; mas o effeito moral seria immenso, e bastaria com certeza, d'um modo indirecto e directo, para compensar os sacrificios, e facilitar singularmente a continuação das operações. Que despezas, e quantos milhões d'homens não tem custado aos impérios do Centro o primeiro anno de campanha? Não teria sido então preferivel technicamente, e até muito mais humano, empenhar desde logo o máximo do esforço, em material e em soldados, para reduzir em pouco tempo a maior resistência com que havia a defrontar, que era

sem contestação a dos Francezes? Claro que não nos lembra ensinar ao vigário o padre-nosso. Mas se, como a leigos se affigura, toda a questão dependeu da fraqueza relativa da frente allemã n'um dado ponto, não se percebe como este incidente banal se não previu, e dada a enormidade dos recursos, se não dispoz na rectaguarda massas de reserva bastantes para acudir ao ponto ameaçado, e restabelecer de prompto a offensiva. Como quer que fosse, o que interessa ao intuito d'este folheto é o revez experimentado, porque n'elle, sobretudo, se filia a série de complicações a que vimos assistindo desde então. A longa, mortífera, e até agora inutil campanha da Flandres, e o excessivo alongamento da linha de batalha são as primeiras, no ponto de vista militar, que se tornaram desde logo apreciaveis a toda a gente. Contou-se, apezar d'aquelle revez, com que os Allemães se apoderassem depressa, consecutivamente á tomada de Antuérpia, de toda a costa norte da França, de Dunkerque até Boulogne, ou que os Anglo-francezes, por uma offensiva audaz da sua esquerda, rechaçassem o invasor para a Bélgica, se não mesmo para o Mosa; e goraram-se uma e outra expectativas. Suppoz-se, em todo o caso, que um dos exércitos romperia a resistência inimiga em qualquer ponto; e viu-se que a supposição era gratuita. Por fins do anno passado tornou-se, d'este modo, claro para a massa dos expectadores de quem fallávamos que nenhum dos combatentes dispunha de capacidade ou de força para vencer o adversário, e o interesse pelo gigantesco drama foi pouco a pouco arrefecendo. Só os técnicos podiam avaliar as razões por que a lucta com evoluções em larga escala se convertera n'uma lucta de trincheiras, porque a estraté-

gia se substituiu inteiramente pela tática, porque grandes movimentos offensivos deram lugar a restrictos movimentos ora de defeza, ora de ataque.

Para restabelecerem o prestígio que perderam aos olhos da infindavel maioria dos profanos, depois de comprovada a sua impotência para um acto decisivo, seria absolutamente indispensavel que um dos grupos inimigos assignalasse a sua indiscutivel superioridade n'uma lucta a emprehender n'outro campo, queremos dizer, em novo terreno onde até ahi se não haviam defrontado. O antigo, a frente occidental, só conviria ao debate d'esse pleito se algum d'elles tivesse a certeza antecipada de que esmagaria de vez o antagonista, pelo menos que reeditaria o éxito inesperado do Marne, ou façanha equivalente á destruição d'Antuérpia, o mais famoso, depois de Paris, dos campos entrincheirados da Europa. Impressionar fortemente a opinião pública, europeia e do mundo todo, chamal-a pois indirectamente ao seu partido, repetimos que importa hoje mais ao triumpho d'uma causa debatida pelas armas do que toda a crítica auctorizada, e até que toda a admiração, dos homens competentes. Vence e domina quem fôr capaz de a seduzir ou fascinar; e só a fascina ou seduz quem lhe appareça como auctor d'un acontecimento retumbante. Os Francezes, habeis em commover a multidão, ainda tentaram primeiramente libertar a Alsácia e a Lorena, e ha pouco investir Metz, o formidavel bastião que os ameaça da fronteira; seria, com effeito, uma d'essas façanhas estrondosas. Os Allemães, por seu turno, insistiram, com a sua obstinação habitual, em se apoderar dos portos da França que têm do outro lado a Inglaterra; seria igualmente um habil golpe. Mas ambos os projectos

falharam; o primitivo campo de batalha mostrava-se impróprio, assim, para a renovação do conflicto com o intuito especial que se apontou.

Este o motivo capital, sem prejuízo d'outros importantes claro é, que aconselhou os Allemães a transferirem o melhor dos seus esforços para a frente oriental, reduzindo a sua acção no occidente á defensiva, e os Alliados a emprehenderem o seu ataque aos Dardanellos. Uma victória completa em qualquer dos dous theatros percebe-se agora bem o grande prestigio que desde logo traria ao vencedor. N'aquella frente, não implicaria só a libertação definitiva da Galícia; implicaria, como os telegrammas d'hoje (7 d'agosto) precisamente notificam, a tomada de Varsóvia, e a consequente annullação da offensiva russa, quem poderia dizer já por quanto tempo. Nos Dardanellos, não significaria só a libertação da Rússia, bloqueada no mar Negro; significaria a ruína da Turquia e da influencia allemã em todo o Mediterráneo e o Oriente, e a sujeição dos povos balkánicos ás grandes Potências alliadas. Qualquer d'ellas seria, como se vê, façanha sufficientemente grandiosa para influir na imaginação do grande público, e reavivar n'elle uma confiança que estava prestes a extinguir-se. Se não é de Mr. Lloyd George, segundo propalou a inconfidência dos jornaes, a ideia da expedição aos Dardanellos, é no emtanto seguro que revela no seu auctor rara pericia em commover a alma popular, e valeria, sob este ponto de vista, um pouco mais do que a concepção correspondente do inimigo. A não ser um éxito naval equivalente ao de Nelson (em 1805) sobre a esquadra franco-hespanhola em Trafalgar, seria esse, na nossa opinião, o meio único de lhe sobrepujar, ou pelo

menos annullar o predomínio que uma possível victória lhe trouxesse. Seria, e é; visto como a previsão d'alguns espíritos a quem a paixão sectarista não desvaira, acaba de ser plenamente confirmada pelas ocorrências sobrevindas na Polónia. Quem no jôgo está possuindo agora o melhor trunfo é o Austro-alle-mão; para o cobrir só o trunfo, sem rival, dos Dardanellos. A vêr se terão a boa sina de o comprar, no baralho da meza, os Alliados.

Outra observação geral é esta: Nem a Inglaterra nem a França parece terem tido, isolada ou conjunctamente, um plano de guerra bem definido, estudado e assente antes d'ella começar. O da Rússia consistia, provavelmente, na invasão da Galícia que várias razões aconselhavam, e depois na da Silésia, ou da Hungria no caso de serem transpostos os Karpathos, pela mesma ordem de razões. Era uma offensiva talvez arriscada, se o seu exército não dispunha da organização e dos recursos adequados á magnitude da empreza; mas era o que o plano offensivo allemão no occidente e diversas circumstâncias suggeriam, e tornavam mesmo indispensavel, quaesquer que fossem os precalços que viessem a surgir. O emprehendimento, feliz no começo, acaba de receber ha dias o desenlace conhecido. Para a Rússia, talvez não seja irreparavel de todo; difficil porém prevêr a sua repercussão depressiva nos outros campos de batalha.

A Inglaterra parece haver-se limitado, nos primeiros tempos, a garantir a segurança da metrópole, das suas communicações commerciaes e d'um ou d'outro domínio colonial mais exposto a uma sublevação, ou ataque do inimigo, — n'uma palavra, a uma attitude

defensiva. O offercimento feito á França de lhe cobrir a costa do Norte sem defeza, e á Bélgica de a ajudar a manter a neutralidade, a expedição dos dous corpos d'exército e a divisão de cavallaria para cooperar com Belgas e Francezes, a própria perseguição contra os navios allemães, são, no fim de contas, apenas actos defensivos. Nitidamente offensivo só o propósito, que de resto não sabemos se foi desde logo delineado, de bloquear os dous impérios, isto é, de lhes cortar o abastecimento de matérias primas e de víveres, de renovar contra elles o que Napoleão, um século antes, imaginara contra ella, — o de os combater e reduzir pela inanição. Em todo o caso, era esse o único que a sua carência d'um grande exército e a grande supremacia da sua esquadra lh'estavam naturalmente a suggerir, e que podia directamente, sem auxilio alheio, executar. Mas é claro que, se não fosse effectivo e rigoroso, o bloqueio não podia levar a resultado apreciavel; e é o que dos factos se conclue, se é que chegou a ser tentado a sério. Além d'isso, não se poderia rigorosamente dizer d'elle que era um plano militar, a não ser acompanhado por tentativas quaesquer da sua esquadra — de bombardeamento, desembarque, ou destruição da inimiga — n'um ponto das costas austro-allemãs. E como essas tentativas se não deram, fossem quaes fossem os motivos, excepção feita da excursão a Heligoland, parece mais exacto inferir do conjuncto das operações realisadas durante o anno de guerra, ha pouco findo, que o Estado maior inglez lhes imprimira, por seu lado, desde o começo um character puramente defensivo, e subordinadas, em qualquer offensiva eventual, como no Marne e na Flandres

por exemplo, ás que os seus Alliados concebiam nas diferentes phases da acção no continente.

O do Estado maior francez offerece logo limpida-mente o aspecto defensivo, e tem-n'o até agora conservado, abstrahidas as acções offensivas transitórias no Marne, na alta-Alsácia, e ultimamente contra Metz, afóra as intermittentes e locaes depois que os belligerantes consolidaram as respectivas posições. A ausência d'um plano offensivo inicial, quando não estivesse comprovada pela attitude em Mons-Charleroi dos Anglo-francezes, julgamos que não seria leviano estabelecer-a indirectamente pelo receio de M. Paulo Cambon, accentuado a *sir* Edward Grey (no «*Blue-Book*»), de que o seu paiz fosse «esmagado», principalmente no facto de não disporem os Alliados no occidente d'effectivos superiores, nem mesmo eguaes, aos dos seus adversários. E esta última é indubitavelmente, dadas as notaveis aptidões do Francez para a investida, a razão fundamental por que se tem guardado sempre, no terreno occidental de batalha, aquella attitude defensiva. Indefinidamente proseguida, mostrou-se já, em breves reflexões, quanto seria inconveniente essa attitude aos interesses dos Alliados; pois que nem proporciona um acto militar que fira a imaginação do grande público, nem apressa o desenlace. Accrescente-se que os põe na dependência das concepções estratégicas, por conseguinte d'uma surpresa inesperada, pelo menos que não será facilmente dominavel, d'um inimigo adextra-do e experiente, além de numericamente superior.

Crêmos bem que estas ou análogas reflexões não deixaram d'influir na resolução de forçar os Dardanellos, isto é, de promover uma offensiva d'alcance no campo único onde ella seria possível aos Anglo-france-

zes, — onde bastariam (na sua opinião, ao que parece) contingentes de tropas relativamente diminutos, e o seu predomínio naval era de todo incontestado. Como quer que seja, foi só aqui que essa offensiva opportuna se tentou, não contando a que os Italianos proseguem, desde os derradeiros dias de maio, contra a fronteira da Ístria e do Tyrol. Nenhuma se annuncia por'ora como victoriosa em prazo breve, nem mesmo como influindo consideravelmente nas operações que têm vindo decorrendo nos outros campos de batalha. Contudo, o só facto de proseguirem, atravez dos enormes obstáculos que as impedem, reveste uma importância que até os profanos reconhecem; e que não é impossivel assumir amanhã, por qualquer incidente, proporções inesperadas. Tudo está em occupar solidamente o terreno conquistado, ainda que se não consiga ampliá-lo. Um revez grave do inimigo n'outro ponto, ou qualquer resolução súbita favoravel d'um visinho, podem facilitar o objectivo, até este momento, inutilmente acariciado. Resta inquirir se um incidente como esses é provavel.

Corresponde isto a debater a questão acima posta: « que rumo irão tomar agora os successos militares » ?

Um regresso offensivo dos Russos, depois da sua evacuação recente de Varsóvia, não é provavel. Se abandonaram essa e outras praças fortes da Polónia, como já tinham anteriormente abandonado as da Gália, e recuado sempre, ha pelo menos trez mezes, das suas linhas nos Karpathos, é porque a sua inferioridade deante dos Austro-allemaes é por'ora, se não de vez, irremovivel. Tem-se dito que foi a falta de munições o motivo d'essa retirada longa e permanente; e

que, apenas seja reparada, voltarão a tomar a offensiva. Admittamos o argumento. D'onde lhe hão de vir as munições? Responde-se: do Japão, ou dos paizes allia-dos. Não nos parece. O Japão, se as tiver na quanti-dade precisa para as necessidades do seu inimigo de há dez annos, guardal-as-ha, muito previdentemente, para seu uso. Ninguem sabe o que lhe poderá ainda acontecer, desde que o desfecho da contenda é duvi-doso, e depois do papel antigermánico activo que representou no mar da China. Nem mandará tam pouco á Europa os seus soldados, apesar do que a imprensa dos Alliados vem ha muito appetecendo, e ás vezes affirmando com extranhavel carência de reserva. O Japonez detesta o estrangeiro, sobretudo o Europeu; tem a convicção de que hade constituir no futuro um grande império, de que ha de ser uma espécie de synthese, e um pouco talvez herdeiro, da Inglaterra e da Allemanha; desvanece-se, e justamente, das suas qualidades e renome militares; e não ignora que só as Potências europeias lhe tolheriam os vãos á sua immensa ambição nacional, pouco importando o grupo que venha, por fim, a triumphar. Por consequên-cia, não crêmos que se resolva jamais quer a compro-metter o seu prestígio por uma derrota eventual, quer a dar o seu apoio a nações que amanhã, victoriosas, seriam obstáculo sério, insuperavel talvez, aos seus desígnios. O Japão só fará a habil, e tambem prudente, política que esses motivos, somnados com um exército pouco numeroso, embora seja magnífico, e os seus fracos recursos financeiros lhe véem impondo, que é: deixar as primeiras Potências do mundo exgottarem-se, em dinheiro e soldados, n'uma lucta que s'está annun-ciando sem quartel, e aguardar, com a sua marinha e

o seu exército intactos, o momento propício para começar a traduzir em factos a sua ardente ambição d'hegemonia. O Japão interviria, talvez; mas para dictar as suas condições — e quaes não seriam ellas, se na Europa se commetter o erro fatal de lhes mendigar a protecção! quando visse exhaustos, e sem esperança alguma em si, os combatentes.

Aos Russos, porém, não é impossivel que ache interesse em fornecer as munições, na hypóthese de as poder dispensar, se as tiver, ou fabricar na quantidade requerida. Mas estará a Rússia bem provida d'um bom systema de transportes para as trazer á sua linha de batalha com regularidade, na porção exigida e em prazo curto? Os profissionaes que respondam á questão, fazendo o cálculo do consumo diário médio por bôcca de fogo e por soldado, e da quantidade d'explosivos, cartuchos, etc., que poderiam assegurar a um determinado effectivo e a um certo material, grande e pequeno, de campanha, um caminho de ferro de via simples (pelo menos na Sibéria), um material circulante forçosamente restricto pela grandeza dos intervallos entre uma estação e a seguinte, e uma velocidade média de 30 km. por hora, unicamente. De Vladivostock a Moscow, uns dez mil km. de distancia, são pelo menos 15 dias de trajecto; e 1 dia, pelo menos, de Moscow á presumida frente de batalha. Junte-se o tempo gasto em paragens, descarregar e distribuir as munições, etc. e vêr-se-ha que todas as que affluissem n'um mez talvez não chegassem para o consumo, em oito dias, d'um exército de 1 milhão de combatentes, inferior pois numericamente ao que s'está defrontando com o inimigo desde a Galícia até Livónia.

Mais verosimil seria o seu fornecimento por Arkan-

gel, suppondo que a Inglaterra e a França as produzem em quantidade sufficiente para gasto próprio e para vender. Mas proceda-se ao mesmo cálculo a que atrás nos referimos, compute-se a tonelagem e o número dos navios a empregar n'esse serviço, não s'esqueça o tempo consumido em descarregar e carregar referido ás installações marítimas do porto, que não será absurdo considerar deficientes, e veja-se depois se o vai-vem d'embarcações entre essa remota cidade do littoral norte da Rússia e o da França ou Inglaterra não seria depressa perturbado pela inoportuna intervenção dos submarinos allemães. Os vapores iriam escoltados, certamente; mas como, por medida de segurança e para regularidade no abastecimento de que se tracta, navegariam de conserva, uma dúzia d'esses incómodos barquinhos fariam n'ellas o destroço d'uma dúzia de zangões n'uma colmeia. E por quantos mezes, a contar d'esta primeira década d'agosto, funcionaria esse mecanismo de provêr á deficiência russa em munições, mesmo que nenhum submersivel adversário o interrompesse? Dous a dous e meio, quando muito; em fins d'outubro, os gêlos terão substituído, e com efficácia bem maior, estes diabólicos engenhos no seu trabalho impeditivo.

Não deixará d'objectar-se que a Rússia não terá que pedir ao Japonez ou aos seus consócios mais do que o seu *deficit* na producção de munições e material diverso de campanha. Não ha dúvida. Mas já indagaram os apologistas do processo em discussão até onde sobe o *deficit* que se pretende, com elle, eliminar? Inutil então devanear sobre o problema. Digam-nos, primeiramente, qual o *deficit* a cobrir, e poder-se-ha então saber, com tal qual plausibilidade, se os meios lem-

brados o resolvem. N'esse grave capítulo de material e munições, a situação actual e próxima da Rússia que os informes chegados até nós induzem a crêr muito provavel, vem a ser esta: impossibilidade de contrapôr aos Austro-allemeães senão o número de homens que poder armar e municiar com os seus recursos próprios, e de retomar a offensiva com êxito se estes recursos não chegarem, como tudo leva a crêr, para manter a sua superioridade em effectivos. Os que luctam n'este momento desde a Galícia até Livónia têm-se mostrado impotentes para sustar a invasão; por conseguinte, concedida a egualdade nas aptidões militares dos contendores, ou sommam um total inferior ao do inimigo, o que parece pouco acreditavel, ou se o excedem estão peor municidados e armados, e terão de ser necessariamente reduzidos para que os recursos materiaes dos dous exércitos s'equivalham. Reduzido o seu número, redução proporcional poderão fazer os Austro-allemeães quando tiverem fixado a sua linha extrema d'invasão, ou seja o limite provisório, simultaneamente estratégico e político, á conquista que emprenderam.

Attingirão porém esse limite? Talvez que não, se as populações polacas se conservassem indifferentes ou hostis pela mudança do senhorio de Varsóvia, e os Russos, na impossibilidade de remediarem de prompto aquella penúria de munições e d'armamento, se resolvessem a internal-as, e a devastar todo o leste da Polónia atraz de si. Seria um meio bárbaro, exequível comtudo, certamente. Mas é duvidoso que os Polacos mostrem mais preferênciã por quem lhe destruiu o antigo Estado autónomo do que por quem se annuncia disposto a restaural-o,— mais seduzidos por uma promessa que a pressão das circumstâncias arrancou, e

que talvez fosse indefinidamente protelada, do que por uma concessão immediata, e que nenhuma necessidade urgentes impozeram. O seu internamento pois, embora fosse resolvido, não seria executado; e sem espontânea adhesão dos habitantes, a devastação do paiz seria pura crueldade, pouco efficaz para uma defeza militar, e só fecunda em consequências desastrosas. Ora, se os Russos se vêem forçados a desistir do plano que ha pouco mais d'um século lhes serviu contra os Francezes, e a conformar as suas operações de guerra com os preceitos do Direito internacional reconhecidos geralmente, e que têm até agora respeitado, affigura-se-nos que os Austro-allemaes attingirão, com effeito, o limite que préviamente se propozeram á invasão. Este limite, se um pensamento político, como é provavel, se juntou no seu espirito a um intuito militar, deverá coincidir sensivelmente com a antiga fronteira (em 1815) da monarchia da Polónia, incluindo um retalho da Lithuânia do Norte e a Curlândia. D'um modo geral, ficaria demarcado por uma linha desde Riga até Sokal, passando seccessivamente por Kovno, Grodno, Brest-Litowsk, com as inflexões e as zonas externas, claro, exigidas pelas necessidades estratégicas. N'um paiz todo plano, a que só pequenas ondulações do solo dão relêvo, é talvez a única fronteira a escolher, por seguir grande parte das correntes do Bug e do Niemen, que são barreiras naturaes a aproveitar como defeza, e por constituir uma frente pouco mais extensa que a frente occidental.

Um tanto aleatório predizer quando é que os Austro-allemaes a attingirão; mas não s'enganará muito quem a der em seu poder antes do inverno, e talvez nada quem a considerar como o extremo da sua marcha in-

vasora, d'este lado. Se assim acontecer, terão elles, por essa época, disponiveis meio milhão de homens pelo menos. Eis um perigo contra o qual precisam de se precavêr os Alliados. N'elle está o segredo da quasi anciada attenção com que o mundo inteiro vem seguindo a campanha da Polónia. E repare-se que nos restringimos á modéstia do número apontado; por que não faltam críticos que o elevam a um milhão.

Arriscado tambem dizer aonde serão conduzidos esses quinhentos mil soldados que devem ficar livres, uma vez ultimada a conquista da Polónia e da Curlândia. A hypóthese de se proseguir com elles na invasão das províncias Bálticas, utilizando o impulso adquirido e provaveis sympathias da população, d'origem allemã e finlandeza, que nunca o autocratismo dos tzares conseguiu *russificar*, não é provavel. De Riga a Petrogrado não ha menos de 100 léguas de distância em linha recta: e pelo menos mais metade se a contarmos ao longo do littoral, fortemente projectado para o Norte. A esquadra allemã, muito superior á esquadra russa, é certo que facilitaria o movimento; mas, dadas a extensão excessiva do caminho a percorrer e a difficuldade de proteger contra o inimigo cada uma das trez províncias successivamente conquistadas (Livónia, Esthónia e Íngria), aquelle número d'homens não bastaria á realisação doprehendimento. Uma marcha d'estas durante o inverno, e com o inimigo constantemente no flanco, terminaria cêdo pelo desastre que, ha um século, assignalou a da « *Grande-Armée* » de Napoleão. Nem vale a pena discutil-a. Mencionamol-a unicamente pelo motivo de haverem os jornaes noticiado, em tempos, o rumor de que o Governo russo pensava em transferir a sua séde para Moscow, em vista do cariz

que estavam tomando os acontecimentos na Polónia.

A possibilidade d'um golpe atrevido sobre a própria capital foi certamente a razão inspiradora do boato, tivesse ou não fundamento, vulgarizado pelas gazetas. Mas, para o tentarem, não seria imprescindível aos Austro-allemeães invadirem as províncias bálticas consecutivas á Curlândia. O seu objectivo, parece-nos claro que não seria installarem-se definitivamente em Petrogrado, nem tampouco fomentarem d'ahi o desmembramento ulterior do território outr'ora conquistado pelos Suecos, e que a Rússia annexara, isto é, as citadas províncias e a Finlândia. Seria augmentarem notavelmente o já notavel prestígio que lhes deu a tomada de Varsóvia, e exercer uma forte pressão moral no inimigo obrigando-o a pedir a paz separadamente; ou, no caso da prevista recusa do mundo official, que o compromisso de Londres manietava, de provocar uma perigosíssima revolução interior. E se nenhum d'estes resultados conseguissem, teriam sempre na mão uma carta preciosa, a fazer render o mais possível na liquidação final do conflicto.

Não esqueçamos que das quatro grandes Potências alliadas, a Rússia é a única que s'encontra, economica e militarmente, em situação embaraçosa, para não a qualificar de afflictiva: o seu commércio exterior está paralyzado, emquanto o das trez nações occidentaes s'effectua livremente; a sua indústria não dá talvez para metade do que o seu exército precisa, emquanto a dos Alliados do occidente produz o que lhes é indispensavel, e ceder-lhe-hia até um excedente se as communicações com ellas não estivessem, ha muito, em parte interrompidas, e não o ficassem dentro em pouco

por completo. Evidentemente, não é côr de rosa a perspectiva; e os povos, quando a angústia os adstringe, nem sempre estão resolvidos a lêr pela cartilha dos Governos. Este cálculo singelo é que levaria á supposta expedição a Petrogrado?

Que não seja absolutamente inexequível, algumas rápidas observações bastam a mostrar-o. O Báltico é hoje domínio exclusivo da Allemanha: Libau, uma das estações navaes da Rússia, cahiu, como é sabido, em seu poder; Riga não tardará também a cair, provavelmente; Revel (na Esthónia) e Helsingfors (na Finlândia), sentinelas do golpho d'este nome, é da mesma maneira provavel que não lhe possam resistir; e todos estes pontos, bazes d'evolução para a esquadra russa, estão situados em províncias cujas populações não sentirão talvez excessivo entusiasmo em favorecer os perseguidores da sua língua, da sua religião, das suas leis e dos seus costumes. Para limpar o golpho até ao fundo, a leste, onde está construída Petrogrado, não ha mais (cremos) do que reduzir o posto militar fronteiro (uns 40 km. apenas) de Kronstadt. Não será facil; mas não se pode affirmar que seja impossivel. E se fôr, então é infallivel que nunca os Alliados reduzirão os Dardanellos. Reduzido Kronstadt, a occupação de Petrogrado não é, com certeza mais difficil do que seria a de Constantinopla, desde que se forçasse esta *maxilla* formidavel. Os quinhentos mil homens disponiveis chegavam, parece-nos, para tirar aos Russos, e guardal-a seguramente na mão, essa magnifica chave de todas as linhas ferro-viárias que sulcam o norte do império.

E todavia, julgamos que não é para esse lado que haja a intenção de os conduzir. A occupação de Petro-

grado, a não se ter antecipada. certeza de que se tiraria a Rússia da campanha (nem talvez mesmo n'esta hypóthese) seria util, mas não era decisiva para pôr um termo á lucta; e tinha o inconveniente enorme d'immobilisar um exército que prestaria serviços d'outro alcance em pontos d'influência menos duvidosa no proseguir das operações. Não insistamos pois na hypóthese que ficou exposta a largos traços. O nosso intuito não foi mostrar que era provavel; foi recordar só que era possível.

Onde será então verosimil que venha a operar esse meio milhão d'homens, suppondo que seja retirado d'aquella frente oriental? Em these, pensamos que deverá sê-lo onde: primeiro, evite um desastre imminente e d'importância; depois, contribua para uma victória segura e de repercussão immediata no desfecho do conflicto; porfim, promova uma diversão capaz de desagregar a principal, ou a mais perigosa resistência que o inimigo tenha organizado.

A primeira hypóthese é claro que só não é inverosimil em relação aos Dardanellos, por ser este o único dos campos de batalha onde um triumpho dos Allia-dos pode surgir como próximo, e annullar depressa, e de modo irreparavel talvez, as vantagens recentemente obtidas na Polónia. A avaliar pelos progressos effectuados até agora, as forças anglo-francezas não se approximarão, durante mais outros seis mezes, do mar de Mármara nem da extremidade nordeste da península de Gallipoli (alguns kilómetros mais comprida que o estreito). Um reforço italiano porém, que de resto os jornaes em tempo annunciaram, ou a intervenção hostile dos paizes baltánicos, da Bulgária

sobretudo, apesar de pouco crível, poderiam muito bem tornar crítica a situação dos Turco-allemaes. A nosso vêr, não reconhece outro motivo a formidavel intriga que se está movendo ha muito em volta d'esses pequenos povos, tantas vezes desdenhados, particularmente os esforços da Allemanha para attrahir a Bulgária aos seus interesses. E comprehende-se. Se os Alliados os persuadem, ainda mesmo que a Bulgária se não involvesse na contenda, o osso dos Dardanellos seria afinal engulido, com certeza. Se a Allemanha consegue chamar a Bulgária ao seu partido, o fatal estreito não haverá a mais ligeira esperança de o transpôr; os assaltantes não tardariam mesmo que fossem d'ahi depressa repellidos. A questão vem a ser, assim, muito menos militar do que política; e como apresenta complicações especiaes, reservaremos para outra oportunidade o seu estudo. Por'ora limitar-nos-hemos a lembrar que uma tentativa que represente um perigo immediato para Constantinopla, ou até só para os Dardanellos, forçaria a Allemanha a impedil-o immediatamente a todo o custo. Ora, só o poderia remover com éxito provavel se conduzisse até ao ponto ameaçado as suas tropas, queremos dizer, uma certa porção dos soldados disponiveis depois de consummada a conquista da Polónia. E como não era, indubitavelmente, por mar que as levaria ao seu destino, é facil conjecturar qual o itinerário, segundo as disposições ou attitude occasionaes dos paizes interpostos, que teriam necessariamente de seguir. A histórica planície de Kossovo poderia ser um d'elles, conforme o governo sérvio já previu, a ser exacta uma informação que, cêrca de meados de julho findo, o telégrapho divulgou. Mas, claramente, não é o único.

Sérias complicações veio introduzir na já complicada baralha a expedição aos Dardanellos!

Supponhamos porém que nenhum risco immediato impende por este lado sobre os Austro-allemaes. Dar-se-hia então a hypóthese de se conduzir aquellas tropas disponiveis aonde uma victória de consequências fôsse mais facil de alcançar rapidamente. Por exclusão de partes, como se diz em linguagem dialéctica, a zona a preferir seria a fronteira austro-italiana. Não invocaremos em favor da nossa opinião precedentes históricos, não obstante ao abrigo de qualquer contradicta defensavel, e o direito de replicar com factos a gracejos de mau gôsto. Faremos só algumas observações elementares, que não representam grosserias para ninguem, e que toda a gente reconhecerá que têm o seu valor. A fronteira de que se trata, geográfica e não política, é uma série de massiços, extensa, alcantilada, e formidavelmente defendida. Sem a minima intenção desprimorosa, occorre dizer-se d'ella o que dizia Camões d'aquelle outeiro d'onde o «Velloso amigo» se apressava, em soccorro aos companheiros: «... é melhor de descer que de subir». Vai para trez mezes que os Italianos se vêem propondo installar-se-lhe nos cabeços e penetrar nos seus esguios corredores; e não será injúria suspeitar, atravez do avaro laconismo das notas officiaes, que a escalada ainda está um tanto aquém das nuvens, e a penetração muito pouco além do limiar. Depõe acaso a morosidade extrema no avanço contra o saber do commando e a intrépidez dos invasores? De fórma alguma. Demonstra apenas que a terrivel escarpa, como na anecdotia do poeta, «é mais facil de descer que de subir»; que os Austro-húngaros têm por seu lado a

Natureza, exactamente como os Turcos a téem nos Dardanellos; que lhes será porisso mais «facil descel-a», do que «subil-a» aos assaltantes.

O Veneto, ao contrário, é quasi todo uma soberba planura, risonha, populosa, feraz, a mil léguas, agora que o inverno se approxima, da aspereza e da solidão da ossatura gigante que a rodeia. É uma espécie de península verdejante e rumorosa n'uma cintura de desolados contrafortes. O Adige serve-lhe de limite a sudoeste; e a largura média, entre Veneza e o Trentino, da espécie de isthmo que a liga ao antigo Milanez, regulará por 100 kilómetros. Comparada ao comprimento da cintura, ou seja da fronteira geográfica e presentemente militar, terá um pouco mais d'um terço d'esta. Quer isto dizer que, no caso d'uma contra-invasão pelo Trentino e o Tyrol, bem succedida e demarcada pelo Adige, como o Bug e o Niemen demarcarão provavelmente a da Polónia, o exército italiano, se conseguisse evitar o involvimento, teria, como o russo, de bater em retirada com a possivel presteza; e a nova frente de batalha, tambem como a nova frente na Polónia, ficaria muito mais consideravelmente reduzida,—de cêrca de metade, ou talvez menos. Por virtude do compromisso que a prende aos Alliados, a Itália não celebraria a paz em separado, nem deixaria sequer de combater; mas, e pondo já de lado a repercussão depressiva do revez, logo seguidamente ao da Polónia, a sua contribuição para um remate feliz e breve da campanha ficaria notavelmente attenuada. Além d'isso, os invasores, uma vez entrincheirados no Adige, é de crêr que adoptassem uma attitude defensiva como agora, pela inconveniência, senão mesmo impossibilidade, em proseguirem na invasão; e algu-

mas centenas de milhares de soldados ficavam de novo disponíveis. Seria quasi supérfluo ajuntar que futuros ataques da frota italiana não comprometteriam a sério a posse, que estamos presumindo, do Veneto: a sua actual impotência contra a costa inimiga, na Istria e na Dalmácia, garante bem a sua inocuidade contra um littoral seu, que não teria pois empenho algum em rehaver desmantelado.

Que a invasão que estamos suppondo seja possível é o que ninguém se lembraria de negar; basta que recordemos que os próprios telegrammas d'origem insuspeita a têm por mais d'uma vez anunciado. Lembremos ainda que a promettida collaboração italiana, segundo o theor dos mesmos telegrammas, em território francez e nos Dardanellos não recebeu até agora princípio de cumprimento em nenhum d'estes campos de batalha; e que a prénnunciada declaração de guerra á Allemanha e á Turquia parece ter-se protelado *sine die*. Não levará tudo isto a conjecturar que na Itália se olha prudentemente para o futuro, que o simples commettimento da fronteira é mais árduo e vagaroso do que talvez se julgava anteriormente, que uma invasão, portanto, tem sido não só prevista, mas porventura receiada?

O que pode ser objecto de disputa vem a ser o resultado que tirariam d'ella os Austro-allemaes, suppondo-os, claro é, bem succedidos. Não custa admittirse, com effeito, que uma presumida victória no Veneto não desarmasse nem Russos, nem Inglezes, nem Francezes, nem, como já reconhecemos acima, os próprios que mais directamente a sentiriam. Mas é preciso ter presente que a consecução d'esse triumpho vinha após o verdadeiro desastre russo na Polónia, e subentendia

que nenhum perigo grave ameaçava a situação dos Turco-allemaes nos Dardanellos. N'estas condições, milagre seria que a imaginada victória no Veneto não fosse acolhida com dôr pelos Alliados, e não viesse pois a influir desfavoravelmente na lucta que, logo a seguir, teria de travar-se no terreno onde foi primeiro iniciada, mais tenaz e felizmente conduzida, e onde provavelmente ha de ter o seu remate.

Salva a hypóthese feita em primeiro lugar, a chave da situação está com effeito, ao que nos parece, na frente occidental. Aqui é que tem de ferir-se o grande golpe que ponha termo a esta guerra temerosa, ou definitivamente a toda a luz a indecisão do desenlace. O exército francez constitue a principal fôrça, não só como resistência mas como inestimavel máchina aggressiva, com que podem contar os Alliados. O seu poder inesperado para resistir provaram-n'o a magnífica retirada de Mons-Charleroi, que por alguns dias se receiou ser o prelúdio triste da derrota, e um anno inteiro de triumphantes réplicas a violentas investidas do seu poderoso adversário. O seu valor como máchina offensiva, infere-se naturalmente das qualidades que sempre o caracterisaram em muitos séculos d'história militar, e d'alguns empreendimentos felizes, embora sómente parciaes, que levou a cabo n'esta guerra. O que lhe tem unicamente faltado para substituir á sua actual e constrangida attitude uma irrupção enthusiástica, senão mesmo irresistivel, já descobriu toda a gente que tem sido o número, e só o número. O seu effectivo, incluíndo já o exército británnico, sufficiente para conservar as posições, é diminuto de mais para tomar a offensiva. Sabido é que um plano d'estes, hoje como hontem, reclama

como condição prévia, em egualdade de circumstâncias, consideravel superioridade em effectivos. Uma pequena maioria não basta, conforme o inéxito da investida inicial dos Allemães demonstrou. Não bastaria mesmo nas guerras precedentes, travadas com forças modestas e com frentes de batalha reduzidas. Menos pode bastar hoje, com frentes de centenas de kilómetros e massas de combatentes que se contam por milhões. Tanto quanto a leigos se torna comprehensivel, um avanço de conjuncto dos Anglo-francezes só poderá realisar-se através de larga brecha praticada na frente inimiga, em qualquer ponto. Para que seja exequivel a ruptura, ninguem duvida de que se carece de consideravel sacrificio de soldados para destruição completa das obras defensivas, em profundeza e em extensão, para obstar em seguida á construcção de novos entrincheiramentos (se não os houver) na rectaguarda da linha reduzida, e para assegurar a permanência da brecha e a posse do terreno conquistado contra retornos offensivos.

Conseguido este primeiro resultado, desde que estamos suppondo que se pretende proseguir na invasão, seria ainda indispensavel evitar a soldadura ulterior— releve-se-nos o termo— dos fragmentos separados, isto é, que o inimigo possa refazer a sua frente recuando rapidamente sobre outra linha de defeza, que certamente já estaria disposta com bastante antecedência n'esse intuito, e não menos forte provavelmente que a primeira. Mettendo em conta os contingentes distrahidos na occupação de todos os pontos estratégicos, que iriam ficando á rectaguarda, e no cêrco d'uma ou d'outra posição fortificada, teríamos novo e elevado sacrificio, ou desfalque, de gente

n'esse esforço para impedir o restabelecimento da primitiva continuidade da linha adversária. É, por ex., o que vem succedendo na Polónia aos Austro-allemaes, cujas perdas o telégrapho vem affirmando serem enormes, ou pelo menos em larga desproporção com as dos Russos (embora muito mal municidados), e que aliás parece não terem chegado realmente, ao que o mesmo telégrapho insinua, a romper a immensa e ondulante linha que lhes vem tomando o passo. Este rompimento, embora affirmado em noticias officiaes (de Norddeich) que os jornaes inglezes qualificam de verídicas, parece ter sido apenas local e transitório, sem comprometter, por conseguinte, a integridade e as evoluções da linha russa. Não é de crêr que as cousas viessem a passar de modo diverso na frente occidental. O Russo, nos pontos de vista da resistência e da perícia militar, não vale mais que o Allemao; nem este, nos da habilidade e arrojo na offensiva, muito menos que o Francez, admittindo que lhe seja um tanto inferior. Se os Russos, n'um paiz plano, mal servido por linhas férreas, relativamente mal fortificado, e onde os obstáculos naturaes a uma invasão são quasi só rios, pântanos e florestas, téem retirado lentamente e em boa ordem, e frustrado sempre as tentativas para o cortarem ou involverem, sendo todavia excassas as munições para a intensidade terrível dos ataques de que ha mais de trez mezes véem sendo objecto, — com mais razão, sem dúvida, poderão os Austro-allemaes, ainda mesmo que numericamente inferiores, frustrar um córte ou involvimento n'um paiz quasi todo accidentado, e incomparavelmente melhor apercebido para receber os visitantes. Um ou outro revez local que soffressem,

como os Russos os tem soffrido, mais efficaçmente e depressa do que estes o poderiam reparar. Suppondo mesmo que não conseguissem fazer parar a investida a certa altura, seriam tantos e de tal vulto os obstáculos, afóra a distância, que se interpunham ao objectivo obrigatório do inimigo que jamais os lograria este dominar. A muralha dos Karpathos susteve a offensiva russa, apesar do enorme effectivo e da sufficiência dos recursos, ao tempo; a muralha alpina promette eternisar a dos Italianos, mau grado tambem a abundância de munições e de soldados; a garganta dos Dardanellos, sem embargo da mesma sufficiência do inimigo, ameaça desfazer a dos Anglo-francezes; porque haveria o fosso entricheirado do Rheno, ou do Mosa, de se mostrar mais accessivel?

Quanto mais se reflecte na situação dos belligerantes em todas as frentes de batalha, tanto menos se descortina a possibilidade, ao menos próxima, d'uma investida dos Anglo-francezes na frente occidental. Ha, pouco mais ou menos, nove mezes que se têm conservado n'ella n'uma attitude quasi exclusivamente defensiva. Se n'esse longo transcurso de tempo, e agora, não têm resolvido, nem resolvem a offensiva, é porque não ha para isso gente, ou se lh'antevê inevitavel mallogro.

Repare-se em que esta offensiva no occidente parecia estar indicada pela situação critica dos Russos no theatro oriental, e em que a libertação de toda a Bélgica, quando a subsistência de maiores difficuldades (carência d'estradas, e reduccão de Metz, Thionville e Strasburgo, por ex.) impedisse a da Alsácia e Lorena allemã, além de ser um ponto d'honra para a Inglaterra, chamaria sobre o exército alliado um prestigio incal-

culavel. Porque não foi, nem é tentada, sobretudo se fôr certo que lord Kitchener tenha já organisados e instruidos algumas centenas de milhares de combatentes? A França — tinha-se ha muito affirmado, e é de suppôr — attingiu o máximo do seu esforço militar. Mas a Inglaterra não terá quasi intacta a sua reserva d'homens válidos? Se em março findo, conforme dizia na cámara dos Communs Mr. Churchill, os effectivos presentes na linha do fogo na França egualavam já os da « *Grande-Armée* » (nas próprias expressões de qüe se serviu), não terão pelo menos duplicado em número os preparados até ao corrente mez d'agosto? Por conseguinte, ou este exército de reserva británnico, sommado com o exército francez, não chega para cobrir largamente o que se julga contrapôr-lhe o inimigo, ou múltiplos embarços d'outra ordem desaconselham o plano offensivo em discussão. A nós, simples curioso no assumpto, não cabe presumir quaes elles sejam. Apenas se nos affigura provavel que devam todos ser materiaes e d'ordem técnica, por ser absolutamente indiscutivel que a Inglaterra não se propõe guardar esses homens para exclusiva defeza em sua casa.

Como quer que seja, nenhuma tentativa anglo-franceza se tem pronunciado no sentido de pelo menos repellir até ao Rheno o invasor, e parece que não virá a pronunciar-se até que se liquide a pendência na Polónia, ou talvez melhor, nos Dardanellos. *Talvez melhor*, — dizemos; porque, se breve não assumir a campanha dos Alliados aqui mais favoravel aspecto, a da frente oriental terá, certamente, de ser levada ao seu passivo. E não se percebendo como, n'este caso,

resolvessem a offensiva, segue-se que terão, ao contrário, de a esperar pelo exército inimigo, reforçado pela gente retirada da Polónia. Resta pois inquirir se este esforço supremo dos Austro-allemaes pode ser coroado d'êxito, e se influirá, no caso affirmativo, no desfecho do conflicto gigantesco. Não será inoportuno recordar que estamos suppondo estacionária, como n'este momento, a lucta nas demais frentes de batalha, que ambos os Partidos dispõem de material e de munições sufficientes para se defender e atacar, e que nenhum dos povos que se conservam actualmente neutraes apparece a entrar no jogo; que toda a differença, portanto, se reduz a uma differença d'effectivos.

N'estas condições, o que se affigura provavel a profanos vem a ser que o êxito da offensiva dependerá unicamente do número que represente o excesso dos effectivos aggressores. Se actualmente se equilibram entre si, segundo se collige da impotência commum para o avanço e da commum capacidade para guardarem o terreno, e os computarmos em, por ex., $1\frac{1}{2}$ milhão de cada lado, um excedente de $\frac{1}{10}$ (150:000 homens) é difficil conceder que bastaria para assegurar um avanço continuado, até desagregar a resistência do inimigo. Mas, se o imaginarmos de $\frac{1}{3}$, ou só de $\frac{1}{4}$, já um ataque geral se concebe que se possa emprehender com resultado feliz. Os profissionaes sabem, por certo, qual deva ser o valor d'este excedente para cada effectivo adverso calculado; nós suppolo-hemos de $\frac{1}{3}$ sobre $1\frac{1}{2}$ milhão de Anglo-francezes, por serem estes os números approximados que se lhes tem attribuído.

O involvimento de qualquer das alas inimigas,

por se encostarem a solo neutral ou intransponível (a Suíça e o mar do Norte) e serem poderosamente apoiadas em praças fortes e trincheiras, tem-se escripto por mais d'uma vez, com razão, que não é realisavel. Accrescente-se que se não descortina a utilidade d'um involvimento da direita, pela distância de Belfort até Paris; e que o da esquerda, se daria a posse do littoral de Dunkerque até Boulogne, não poria termo á guerra, nem mesmo impediria os Anglo-francezes de retrocederem em ordem, e reorganisarem facilmente toda a sua frente em linhas d'entrenchamentos successivas, a est' hora, sem dúvida, já dispostas para o effeito. Não era impossivel que puzesse fim á guerra no principio, logo após a tomada d'Antuérpia, quando a Inglaterra não tinha um exército, nem a sua capital mesma, preparados para resistirem, com inteira certeza, a um golpe de mão audacioso; hoje, com egual certeza, não poria. Por consequência, seria um corte que o invasor teria d'ensaiar.

Mas onde? Eis um problema que só aos profissionaes é possivel debater.

Quanto a nós, pouco menos d'analphabeto no assumpto, sómente nos abalançaremos a arriscar sobre'elle algumas impressões, a que haverá a cautela de não ligar mais importância do que na realidade reconhecem.

Um corte na longa linha com os topos no mar e na Suíça, como acima se notou, e reforçada por egual em todos os trechos não especialmente protegidos por obras defensivas permanentes, julgamos que só poderia ter por objecto isolar maior ou menor força do inimigo, e preparar o investimento da capital. Pelo menos, é assim que interpretamos os que

parece haverem sido intentados pelo exército allemão na frente Toul-Verdun (S. Mihiel) primeiramente, depois em diversos pontos comprehendidos entre o Iser e o Oise. Em qualquer d'estes pontos, se a tentativa puder agora renovar-se com mais éxito, uma irrupção dos Allemães poderia talvez realisar aquelle duplo objectivo; porque a relativa proximidade da costa a oeste não deixaria a esquerda Anglo-franceza obviar á ruptura retirando a tempo e em boa ordem, e porque, desfalcado assim o exército defensor, a direita allemã occuparia facilmente a linha do Somme, approximando-se d'este modo mais da capital; e transferindo mesmo uma parte das suas tropas para reforço eventual do centro, ou da esquerda. Além d'isso, a linha geral ficaria reduzida na extensão, o que lhe augmentava a profundez, e por consequência a energia da pressão no seu avanço.

Um corte na região de Champagne, embora pareça indicado pela maior proximidade de Paris (que distará de Soissons umas 20 léguas), parece que não determinaria os mesmos effeitos favoraveis. Como ella marca sensivelmente o meio da actual linha de batalha (excluída a fronteira alsaciana), as duas alas anglo-francezas dísporiam d'espaco, tempo e meios de transporte, para acompanharem o centro no seu movimento de recuo ou sobre o Marne-Beauvais-Dieppe, ou sobre o Sena-Paris-Havre. Accresce que a linha atacante ficaria mais extensa que a actual, o que lhe diminuía a profundez, por consequência a energia do impulso, a não ser que a fronte fortificada Toul-Verdun fôsse previamente reduzida. Mas então affigura-se-nos claro que a redução d'esta fronte (a não ser inexpugnável, como se tem pretendido, e affirmado) devia ser preci-

samente a primeira operação a emprehender pelo exército vindo da Polónia, e franqueada, além de flanqueada, por ella a linha do Marne, o corte inutil na Champagne devia ser substituído, como operação complementar da anterior, pelo que já foi mencionado em traços breves, e que seria incomparavelmente mais fecundo.

Poderá ser conquistado Paris sem redução d'aquella frente? Não sabemos; nem vimos que os homens técnicos tenham debatido esta questão. A admittir que era esse o plano dos Allemães ao transporem o Marne nos princípios de setembro do anno findo, dir-se-hia que essa redução não é necessária. O seu projecto parece ter sido repellir os Anglo-francezes para áquem do Loire, talvez para áquem do Sena só, obstar a que fizessem uma reviravolta triumphante, ou sómente perturbadora, e bombardear por leste e norte aquella cidade sem organisarem cêrco em regra, limitando-se a guarnecer com algumas forças os lados sul e oeste d'onde lhe podesse chegar algum auxilio. Se o cêrco fôr, com effeito, dispensavel — e ali temos nova questão a illucidar pelos competentes — a linha fortificada Toul-Verdun não carece então de ser investida; e n'esse caso, a ruptura de que estamos fallando só deveria ser tentada, e teria utilidade, entre o Oise e o Iser, ou antes o Lys, — por ex. em Arras, ou em St. Pol. Se o não fôr, parece então sê-lo o investimento d'esta frente, com a ruptura ulterior da linha inimiga na região que vimos de citar.

N'uma e n'outra hypóthese, o objectivo final da nova offensiva allemã tem forçosamente de ser Paris. Se a grande capital não fôr tomada, frustrar-se-ha de todo essa offensiva, ainda mesmo que os Allemães

possam conservar em seu poder o littoral do Norte, e todo o mais terreno conquistado. Escusado repetir as razões que, a esse respeito, foram acima produzidas. Se fôr, quer-nos parecer provavel, não seguro todavia, que a lucta deixará de proseguir, ou se arrastará, como agora, sem vantagens para ninguém; e que, apesar do compromisso de Londres, a paz não tardará muito que seja imposta aos combatentes. A desillusão, a fadiga, o soffrimento e o mal-estar de todo o mundo acabarão breve por fazer ouvir a sua voz retumbante e imperiosa; e os partidos da guerra, por lhe obedecer sem murmurar, pondo por uma vez ponto na pavorosa chacina.

É certo que a Inglaterra, em cuja proverbial obstinação e colossaes recursos financeiros está o motivo principal da resistênciã que aos impérios do Centro vêem oppondo os Alliados, já declarou solemnemente que proseguirá na guerra até ao fim, que não entrará em negociações com o inimigo emquanto dispuzer d'uma libra esterlina e d'um soldado, que não fará, emfim, a paz senão depois de ter anniquilado o militarismo prussiano. Ainda que não haja n'esta declaração explícita e solemne alguns laivos de rhetórica, seria pretensão excessiva pretender dominar tão despoticamente a situação da Europa inteira. Que seja esse o anhelõ, é mesmo o propósito firme, dos governantes inglezes, nada nos custa acreditar. Que tenham sido tambem elles quem jungiu os Alliados ao famoso compromisso de Londres (5 de setembro), na intenção de prevenir um desfallecimento que daria a victória ao inimigo, quer-nos parecer mais que provavel. No que não crêmos é que possam realizar esse plano a despeito de todos os óbices ou vicissitu-

des que surgirem. Comsigo e com os Governos allia- dos poderão talvez contar, ainda que os aconteci- mentos entrassem a offerecer um cariz desfavoravel, — e forçoso lhes é já reconhecer que não s'está annun- ciando precisamente côr de rosa. Não poderão porém contar, nem elles nem os Governos alliados, com a submissão indefinida das populações, a quem a ter- rival lucta vem dizimando e empobrecendo, e a quem a perspectiva de maiores ruínas e sangueiras pode muito bem desesperar. O que se chama o patriotismo é, notoriamente, nas multidões humanas sincero e dedicado, comtanto que não seja duradouro, nem exija incomportaveis sacrificios. Desastres ou situa- ções indecisas elevam o seu enervamento á acuidade, fazendo-as depressa esmorecer. O que está occorrendo em França, para quem fôr capaz de avaliar certos symptomas, o que ha pouco succedeu na Inglaterra (a grêve dos mineiros de Galles, por ex.), o que talvez occorra na Allemanha se a guerra se protrahír, são outros tantos signaes inequívocos de que a passi- vidade das populações tem seus limites, e que, acima de todas as combinações e ajustes dos Go- vernos, está o *veto* imperativo dos cidadãos sacrifi- cados.

A Inglaterra affirmou, e em face dos documentos conhecidos com verdade, que foi a Allemanha a pro- motora d'esta guerra; affirmou depois que não depor- ia as armas sem que reduzisse á impotência o mili- tarismo prussiano. Foi porisso que affirmamos tambem que o protrahimento da lucta se deve principalmente á Inglaterra. A França e a Rússia téem feito o possivel, e até o impossivel, para vencer; e o resultado do esforço gigantesco, muito além do mais lisongeiro elo-

gio para os dous grandes povos militares, tem sido combater e instalar-se-lhes no próprio território o inimigo. Uma paz em separado, senão depois da victória do Marne, por ser então um tanto prematura, ao menos a seguir á campanha da Flandres no occidente e da Galícia no theatro oriental, poderia ser proposta ou obtida em condições razoaveis para os dous povos. Se não foi obtida nem proposta, é claro que a impediu o famoso compromisso celebrado, e suggerido talvez pela Inglaterra. Não será pois injustiça asseverar que, se á Inglaterra se deve o prolongamento da lucta, a ella se deverá do mesmo modo quer as honras do triumpho, quer a responsabilidade quasi inteira da derrota. Ora, a permanecer a actual situação indecisa na frente occidental, que naturalmente se aggravará com os contingentes inimigos que affluam da Polónia, esse triumpho será mais que duvidoso. Seria certo, na nossa opinião, quando a offensiva russa ameaçava a Áustria-Hungria e a dos Allemães no Iser sahia fruste, se um forte exército inglez collaborasse na impetuosa investida dos Francezes. Atacado simultaneamente n'uma e n'outra frente, e sem que a sua occupação da Bélgica se podesse dizer consolidada, difficilmente o inimigo deixaria de ceder, recuando n'esta segunda frente até ao Rheno. A invasão ulterior da Alemanha é de crêr que offerecesse difficuldades invenciveis, se fôr certo, e assim parece, que constitue um vasto e escabroso campo entrincheirado. Mas a da Hungria pelos Russos é que seria provavelmente estimulada, pelo menos consolidada a da Galícia, pelo éxito dos Alliados no occidente; e é positivo, em todo o caso, que pouco ou nada lucrariam os impérios do Centro

em proseguir n'uma guerra cujas primícias não lhe presagiavam bom desfecho. Seria ainda possível, comquanto mais aleatório, ao tempo em que os Russos se viam forçados á evacuação progressiva da Galícia, se a presença d'esse exército britânico habilitasse os Francezes a utilisarem as suas reconhecidas aptidões para a investida, e pelo menos a limparem, assim, o seu território dos obstinados invasores.

Infelizmente, quando mais era preciso, esse precioso auxiliar não appareceu. Com 90 ou 100 mil homens apenas de reforço, impossivel aos Francezes fazerem fructificar o seu magnifico volta-face, impedindo o inimigo de se entrincheirar por traz do Aisne, e desdobrar a sua direita sobre o Norte. E mais tarde, depois d'enraizado este na Flandres e das avultadas perdas soffridas na prolongada e mortifera lucta de trincheiras, um reforço de 300 ou 400 mil Inglezes já não chegava para trocarem pela offensiva a defensiva. É esta a situação presente, d'este lado.

Eis um anno já decorrido, e nada annuncia que esteja em vésperas de mudar, — para melhor, claro é. E a quem cabe a culpa d'isto? Não será iniquo affirmar que, principal senão exclusivamente, á Inglaterra: ao seu descuido, imprevidência, repugnância ou quer que seja, em se preparar a horas como grande Potência militar.

Reservará a Inglaterra o grande exército que se diz ter organizado lord Kitchener para o «impulso final irresistivel», em que Mr. Asquith falla no seu discurso de 1 de março, depois d'exhausto de todo o inimigo? É o caso de perguntar se a exaustão seria unilateral, exclusiva, quasi sectária, enfraque-

cendo com rancor o inimigo, e poupando com sollicitude os Alliados. E quando é que estará exausto o inimigo? Quando tiver realiado o seu plano de trazer a sua offensiva da Polónia ao occidente? Desejamos sinceramente aos amigos sinceros da Republica franceza que esse «impulso final irresistivel» ande um pouco mais depressa do que o irritante trovador da ópera de Verdi.

Repetimos que, se a partida se perder, a culpa será de quem não soube, ou não quiz, tornar-se a tempo uma grande Potência militar.

Com uma população igual, pouco mais ou menos, á da França, a Inglaterra podia ter um exército tão numeroso como o d'esta nação ao estalar do conflicto, e não por certo inferior em material e em qualidades combatentes. Parece ter sido a repulsa do Inglez, que nem a grandeza do perigo conseguiu até agora desfazer, pelo serviço militar obrigatório a causa da collaboração deficiente, sob este aspecto, da Grã-Bretanha nas operações dos exércitos nas duas frentes de batalha. Para lamentar — essa repulsa; porque, apesar do optimismo de Mr. Asquith sobre o valor das «divisões territoriaes» recentemente organisadas, soldados, e sobretudo officiaes, não se improvisam; e não seria, pois, para extranhar que esses novos exércitos, ao attingirem numericamente e no valor a efficiência para o «avanço irresistivel e final», já não achassem onde utilizar a sua apregoada força destructiva.

Será da sua marinha então que a Grã-Bretanha espera o esmagamento final do inimigo? Isto, ao menos, é o que se pode concluir do remate do discurso de Mr. Churchill, em 15 de fevereiro do anno

que decorre. «A Marinha britânica e o poder marítimo que exerce — tal o theor d'esse remate — dominarão cada vez mais a situação geral, serão a reserva principal e infallível (*sic*) das nações aliadas, successivamente paralyarão as energias de combate dos nossos antagonistas, e ultimamente decidirão por si da sorte da guerra.»

Se não estamos em erro na interpretação d'estas palavras, é com a efficácia do bloqueio naval, com a «pressão económica» como lhe chama Mr. Asquith, que se conta para «paralyar», reduzir de vez, portanto, a resistência do inimigo. No pensamento de Mr. Churchill, o resultado das operações militares em terra parece revestir pois importância secundária. Não será esta esperança apenas illusão? Vai para seis mezes que a «pressão económica», com a latitude a que se refere a declaração official dos governos da França e da Inglaterra a 1 de março, s'está exercendo com o possível rigor, segundo se deve presumir; e côm tudo os seus effeitos não são, ao menos por'ora, apreciaveis. Para que fôsse decisiva, julgamos que seria indispensavel a carência nos impérios centraes de producção, ou da accumulacão anticipada sufficientes quer d'alimentos quer de combustivel e de matérias primas para a indústria, particularmente para a indústria militar; e seria ainda indispensavel impedir todo o commercio d'esses artigos, quasi todo o commercio pois dos paizes não belligerantes. Sobre aquella carência pouco ou nada estamos instruidos; ha só razões para crêr que producção e provisões vão chegando para o consumo, e chegarão talvez até que a situação geral militar se modifique, para melhor ou para peor. A fiscalisação efficaz d'este

commércio dos neutros, ainda que só de contrabando, além d'impossível para as nações limitrophes dos Balkans, do mar do Norte e do mar Báltico, pode muito bem ser illudida, como o tem sido pelos Gregos, e será, no emtanto, muito difficil d'exercer sem protesto dos paizes prejudicados d'esse modo, sem risco, pois, de os lançar no Partido adversário.

E' possível que estejamos illudidos; mas affigurese-nos que o novo bloqueio, imaginado primeiro pela Allemanha contra a Inglaterra, e por esta Potência contra aquella, valerá tanto como o antigo.

Frustrado este meio de combate, conforme não é temerário inferir do que vem passando ha já seis mezes, será lícito esperar, com o ministro da marinha inglez, que a esquadra seja a «principal e infallivel reserva» que ha de levar á conclusão do conflicto? E' permittido duvidar. Não foi Trafalgar, foi Waterloo que decidiu a lucta europeia de ha cem annos. Hão de ser os exércitos, não as esquadras, que porão remate a esta. Não é quem tiver o mar, é quem tiver o continente, que dominará, enfim, a situação. E se a prevalência militar no continente não fôr possível—e é a hypóthese que s'está impondo ha certo tempo—a nenhum dos Partidos que a disputam, toda a poderosa esquadra dos Alliados, e não sómente a ingleza, será incapaz d'impedir a indecisão final, por conseguinte o adiamento do ruinoso e tremendo conflicto.

Digamos agora porque a indecisão final do pleito é a hypóthese, que tem mais visos de provavel.

Dissemos já que o plano allemão, segundo as próprias palavras do chanceller e do secretário d'Estado dos negócios estrangeiros, consistia em invadir a Bél-

gica, pôr a França depressa fóra do combate, e invadir depois a Rússia conjunctamente com os Austro-Húngaros, cujo papel, até esse momento, se reduziria sobretudo a sustar o que se chamou o «cylindo moscovita». Reduzida a Rússia á impotência, por falta de collaboração da França no occidente, pela neutralidade, que se considerou segura, da Itália, e sendo preciso, pela cooperação opportuna da Turquia, chegaria então o ensejo do ajuste de contas com a detestada Inglaterra.

Tem-se dito que a Allemanha não previu a entrada em scena d'este seu mais perigoso adversário. Não o crêmos. Seria fechar voluntariamente os olhos deante de significativos signaes da séria preocupação ingleza desde a guerra do Transwaal, pelo menos, até á crise de Marrocos. Com a hostilidade pois da Grã-Bretanha é muito difficil de admittir que não contasse. Com o que provavelmente não contou foi com o influxo moral do seu exército na magnífica resistência dos Francezes, de Mons-Charleroi até no Marne, no conseqüente volta-face victorioso dos exércitos alliados; e não contou, sem dúvida alguma, com o famoso compromisso de se não fazer a paz em separado. A sua imprevisão, como aliás de toda a gente, a este propósito é perfeitamente comprehensivel.

O ajuste diplomático de 5 de setembro é dos taes que prendem indissolúvelmente os outhorgantes, e que, portanto, *á priori* se diria só poder ser concluído mediante uma auctorisação especial das assembleias legislativas, visto n'elle se tractar do que mais pode interessar uma nação, a guerra e a paz, e porisso, eventualmente, da sua salvação ou da sua ruína completa.

Entre monarchias absolutas, como a Rússia ou a Turquia, e semi-absolutas, como a Áustria-Hungria e a Allemanha, um pacto d'esses ainda não seria d'extranhar. Mas entre uma monarchia representativa modelar, como a Inglaterra, e uma República democrática, como a França, forçoso é convir em que não deixa d'ultrapassar razoavelmente todas as nossas previsões no assumpto. Supponha-se, por exemplo, um desastre ao cabo de anno e meio de campanha. Se as condições impostas pelo vencedor fossem duríssimas, como era natural, ainda se comprehende que a Inglaterra, pelo seu incomparavel poder marítimo, o seu colossal poderío económico, e a sua situação geographica especialíssima, as podesse supportar, e assentir por esta maneira ao ajuste que o seu governo celebrou. Mas poderia a França supportal-as, mais exactamente, toleral-as, se implicassem, por exemplo, além de pezada contribuição de guerra, novas perdas territoriaes, não apenas nas colonias mas na metrópole, e acceder pois, resignada, ao sacrificio que os seus governantes lhe impozeram, protrahindo a lucta mais do que convinha? Não iria responsabilisar por ellas os negociadores de tal accôrdo, e repetir a história de 1870 subvertendo um regimen que a não soube eximir ao descalabro? Pelo menos, não seria natural suppôr nos governantes da República franceza um simples receio pela desagradavel perspectiva, quando não o exame prévio das consequências que poderiam resultar do ajuste a celebrar? Certamente; e n'esse caso, não tem que nos surprehender a imprevidência, ou melhor, a incredulidade dos Allemaes n'um tal convénio, se é que na realidade lhes ocorreu.

Como quer que fosse, o seu plano parece ter, com

effeito, sido o que deixamos indicado em breves traços; e que n'elle se devia ter incluído a hypóthese d'uma attitude hostile da Inglaterra. E quando alguma dúvida subsistisse a este respeito, bastaria a removela a linguagem inequívoca de *sir* E. Grey n'uma das suas conversas com o embaixador allemão em Londres sobre a neutralidade do seu paiz, e sobre o deploravel effeito que produziria na opinião pública ingleza a violação da neutralidade da Bélgica pelos exércitos da Allemanha.

Julgamos que tambem n'elle se devia ter incluído a hypóthese da neutralidade italiana, e o propósito de conquistar na Rússia pelo menos a Polónia, e de reduzir a Sérvia a uma espécie de protectorado da Áustria-Hungria. Aquella hypóthese resulta de motivos tão claros que nem vale a pena discutil-os. A conquista da Polónia, de motivos estratégicos egualmente faceis de serem apreciados pela pessoa mais alheia a questões d'essa natureza, e de razões d'ordem politica, sobretudo da immensa vantagem de responder á *promessa* do Czar, já esperada sem dúvida, de restituir áquella nação infeliz a independência confiscada ha meio século; com o *facto* da própria independência. A redução da Sérvia á vassalagem, da necessidade d'extinguir um foco d'intrigas e conspirações em permanência, e d'assegurar a livre disposição do caminho de Salónica. Não se vai emprehender uma lucta de tão extraordinárias proporções unicamente para castigar um povo minúsculo nos Balkans, e só para mostrar aos seus eguaes que se é mais forte; emprehende-se para d'ella se retirar lucros positivos, e para garantir por largo tempo preponderância económica e política sobre quem a possa disputar. Quasi meio século de

preparação presuppõe, evidentemente, desígnios bem mais vastos e bem mais premeditados do que vários críticos imaginam.

Na intenção provavel do bloco dos impérios do Centro, a França devia ser primeiro e de todo reduzida, menos por ódio, ou até por cubiça do seu território ultramarino, do que por constituir a principal Potência militar antagonista; a Rússia, posta em seguida fóra de combate e humilhada, menos por se temer a sua ulterior superioridade militar do que para a inutilisar para muito tempo e a forçar a desistir d'uma ingerência predominante nos povos slavónicos dos Balkans; as duas nações, vencidas no emtanto em prazo curto para desembaraçarem ao bloco imperial o caminho que restava a percorrer, isto é, para o deixarem só face a face com o seu inimigo mais perigoso — a Inglaterra.

Conhece-se a parte d'este plano mais que verosimil posta em execução. A França não pôde ainda ser subjugada, e só acontecimentos ulteriores dirão se o pode ser. Mas a Rússia, a não se modificar favoravelmente a situação nos Dardanellos, tudo nos aconselha a presumir que não tardará muito em que o seja. Não no sentido em que deponha as armas, e procure estabelecer a paz em separado; no sentido em que não conseguirá retomar tão cêdo a offensiva, nem repellir do seu território o invasor, nem talvez obstar a um golpe de mão sobre a sua capital e a quaesquer progressos nas províncias Bálticas, senão mesmo na Finlândia, nem por conseguinte guardar o seu papel e o seu prestígio militar aos olhos dos Alliados e dos povos slavos, de quem tem sido o representante e o paladino.

Continuará a ser um valor de resistência, e um valor indestructível, pela sua vastidão, a sua população, o rigor dos seus invernos, e o seu systema de se defender contra invasões; deixará de o ser para a investida, para influir, portanto, decisivamente na persecução das operações da guerra, muito menos no remate. Immobilizará na sua fronteira importantes forças inimigas; não as terá, por isso, exgottado, não poderá pois inhibir as que o bloco imperial tenha disponiveis, de se moverem para onde se julgue necessário.

Compreender-se-ha agora bem todo o alcance do ajuste concluído em Londres, a 5 de setembro findo, entre as tres grandes Potências alliadas. Se não fosse elle, e admittindo mesmo que a França mantivesse a pertinaz resistência que ha um anno vem oppondo ao inimigo, difficilmente os revezes que a Rússia vem experimentando e a sua consequente inutilisação para a offensiva deixariam de predispor aquella sua alliada para acolher propostas de paz, ainda que a Rússia as tivesse repellido. Era só questão de não poder frustrar um novo choque do adversário, ou até só de se reconhecer incapaz d'uma contra-offensiva victoriosa. O mais crível, na hypóthese feita, é que a Rússia e a França, successiva ou simultaneamente, se retirassem da contenda, deixando a Inglaterra, que até á ultima hora, quando a guerra entré as quatro grandes nações era inevitavel, se recusara a tomar definitivamente partido pelas suas futuras alliadas, derimir como pudesse o seu conflicto com a Allemanha.

Não se cuide que temos em mente censurar a Inglaterra. Pelo contrário: nenhuma das nações continentaes, a fazer obra pelos documentos que publicou e largamente divulgou, procedeu com mais habilidade e

tino do que ella. Precisava de ter as mãos livres até ao último momento, e conseguiu-o; sabia, ou presumia, que era o alvo, particular e embora indirectamente, visado pela Allemanha, e faz-se rogar como um favor o que nada mais era, no fundo, que uma necessidade imperiosa. Claro que não nos referimos á garantia (de protecção da costa septentrional) dada á França em 2 de agosto; porque essa constituía uma obrigação elemental, que, de resto, com toda a lealdade reconhece. Referimo-nos só á sua persistente recusa em se declarar, perante os pedidos ou perguntas, belligerante convertendo a *Triple-entente* em alliança. N'uma palavra: reservou-se um papel d'árbitra, quando é positivo que a violação da neutralidade da Bélgica e complicações ulteriores a obrigariam, como bem previra o ministro dos estrangeiros russo snr. Sazonof, a entrar na lucta, a approximar-se espontaneamente pois da Rússia e da França — e esse papel conseguiu-o plenamente. É n'este sentido que acima escrevemos que se fez rogar como um favor o que não passava d'um procedimento a que se via, ou veria, compellida sob a pressão das circumstâncias. Seria então d'extranhar que a França e a Rússia recusassem acceder a um compromisso que lhes tolhia a futura liberdade de movimentos? Não seria, antes, d'esperar que estas duas Potências, sobre quem fatalmente incidiria o maior pezo da lucta e recahiriam os mais graves sacrificios d'homens e prejuizos materiaes pela invasão infallivel do seu solo, se limitassem a celebrar com a Inglaterra uma alliança condicional e transitória? Se, por impossivel, a Inglaterra se tivesse esquivado a entrar no conflicto, evidentemente, era porque esta attitude lhe convinha. Porque não resalvariam a França e a Rússia,

na alliança de que a Inglaterra julgou do seu interesse fazer parte, a hypóthese de a romperem quando ella deixasse tambem de lhes convir?

Não a limitando em duração nem por condições quaesquer, pelo menos conhecidas, a Rússia, como vínhamos dizendo, tem de proseguir na guerra por desfavoravel, ou antes ruinosa, que se vá desenrolando, e a França de contar, mais mez menos mez, com uma investida allemã tão violenta como a que arrebatou á sua alliada a Curlândia e a Polónia. E d'este modo, o plano allemão, se foi realmente o que acima supuzemos, ou attingirá o seu objectivo pelo triumpho d'esta nova investida contra a França, ou terá de ser remodelado. Exceptuando os Dardanellos, o nó da situação militar está na França, e só na França; e todavia notamos já no lugar próprio que, além de não ser possivel prevêr-lhe o resultado, uma aggressão bem succedida contra a frente occidental, e até mesmo a tomada de Paris não poriam termo á guerra, por virtude do famoso compromisso, salvo o caso único de o rasgarem as populações exasperadas. É esta uma questão política delicada cujo exame reservamos para momento mais propicio. Por enquanto, suppremos que os Francezes se resignam, como os Russos, a esses e ainda mais outros sacrificios continuando a resistir ao vencedor.

Perante esta hypóthese, — o que é que farão os Allemães e Austro-Húngaros uma vez realiado o seu projecto no terreno oriental? Dispensando-nos de reproduzir raciocinios que naturalmente ocorrerão a toda a gente, crêmos que os Austro-allemães, se téem seguras as fronteiras dos lados da Sérvia e da Itália, ensaia-

rão *malgré tout* um grande e decisivo golpe contra os Anglo-francezes obrigando-os, se puderem, a retrogradar para áquem do Sena. Os partidos da paz — porque existem, e mais numerosos do que muitos imaginam, na Inglaterra, França e Rússia — poderão não fazer ainda ouvir a sua voz; mas a linha de batalha não seria mais extensa nem menos fortificada do que é agora, nem mais sujeita portanto a ser rompida, os effectivos para a sua defeza não seriam maiores do que hoje são, desde que Paris fosse desmantelado ou a sua guarnição constituída por contingentes retirados das actuaes guarnições de várias praças fortes conquistadas a Belgas e Francezes, e havia sobretudo o effeito moral, além de ser preciosa garantia para negociações de paz, da occupação do grande centro espirital do mundo culto. Fossem quaes fossem as vicissitudes que a guerra viesse a apresentar, comtanto que a garganta dos Dardanellos se mostrasse intransponivel, a posse firme da Polónia russa e da bella capital franceza obstaria a uma victória completa, menos ainda esmagadora, das quatro grandes Potências alliadas. Seria um penhor inestimavel, que forçaria o adversário a importantes concessões. Não é, comtudo, menos certo que a victória não pertenceria aos Austro-allemaes, persistindo as populações da França e da Inglaterra em apoiar, tácita ou declaradamente, os seus Governos. A lucta ficaria indecisa no ponto de vista militar, d'harmonia com a opinião que defendíamos atraz. O plano allemão, tal como o supponmos, não teria levado a Inglaterra ao isolamento, e seria apenas realisado na medida em que conseguira subordinar a França e a Rússia, queremos dizer, impossibilitar-as de retomar a offensiva com bom êxito.

Não será supérfluo insistir em que a occupação pelos seus exércitos d'uma vasta parte dos territórios francez e russo conferia nos Austro-allemaes superioridade indiscutivel para fazer acceitar pelos Alliados condições de paz mais vantajosas, e por conseguinte a certeza d'influrem nos destinos da Polónia e da Bélgica de maneira a salvaguardar interesses próprios, immediatos e futuros, e de assegurar indirectamente a sua supremacia nos Balkans, incluindo o império turco, particularmente a livre communicação para o mar Egeu. De sorte que, embora militarmente sem remate decisivo, a guerra, por virtude das vantagens militares obtidas, representaria para os impérios do Centro uma victoria diplomática final indiscutivel.

A resolução da Itália em romper com as suas antigas alliadas forçal-as-hia a modificar o que se nos affigura ser o seu primitivo plano de guerra, ou obstaria ao resultado que prevêmos? Parece-nos que nem o modificou, nem obstaria. Levam-n'os a esta conclusão vários motivos. A confiança dos impérios do Centro na fidelidade, ou melhor, na neutralidade indefinida d'aquella nossa irmã latina ha muito, por certo, que não podia ser notavel; d'outro modo, e como fortificações não se improvisam, a fronteira austríaca não estaria tão bem disposta, como se deduz dos telegrammas, para receber a visita amavel dos visinhos, se ella fosse inesperada. Além d'isso não lhes faltavam signaes, desde algum tempo, d'esta mudança de attitude; e certamente a encaravam já como infallivel em começos de maio, quando iniciavam a sua última e até agora feliz investida contra a Rússia. Se esta invasão esteve sempre, como julgamos, nos seus cálculos, é pois evidente que a hostilidade italiana não a impediu, nem sequer con-

tribuiu para a protelar. Consolidou-se provavelmente a muralha alpina com alguns trabalhos defensivos, algum material de guerra e mais soldados, e deixou-se o novo belligerante entretido na áspera tarefa de lhe abrir através uma passagem enquanto se proseguia impetuosamente, e parece também que sem preocupação com as trez outras frentes de batalha, na campanha da Polónia. Porque não é pouco para notar que esta campanha seja a mais formidável que se tenha empreendido desde o irromper da conflagração, dure approximadamente ha quatro mezes, e todavia nenhum ataque dos lados da Sérvia, Itália e França, por mais vigoroso e persistente, haja tido n'ella qualquer repercussão apreciável, ou posto ao menos em risco sério qualquer das trez frentes investidas.

Ora, se as mais violentas e tenazes offensivas dos Anglo-francezes não parece terem influído nas operações conduzidas na frente oriental, *á priori* se concluía que o ataque italiano não teria n'ellas mais effeito, não forçaria pois o inimigo a mudar o seu plano. E se aquella principal resistência militar dos Alliados se mostrasse incapaz de impedir o investimento occidental de que fallávamos, é positivo que não seria uma resistência secundária d'essa ordem que obstaria á celebração da paz nas condições favoraveis que suppezemos acima.

O único incidente que forçaria os impérios do Centro a remodelar aquelle plano, isto é, a desistir de renovar, consecutivamente ao desfecho da campanha na Rússia, a sua offensiva contra a França, seria um perigo imminente do lado dos Dardanellos, derivasse elle ou da transposição do estreito pelas esquadras

anglo-francezas, ou d'uma attitude hostile dos povos balcánicos que se têm mantido neutros. A força d'um tal incidente é tão óbvia que dispensa commentários.

Ora, aquella transposição em prazo curto será provavel? Nas circumstâncias presentes, affigura-se-nos que não; e uma vez entrado o inverno, todo o risco d'uma aggressão contra Constantinopla ficará provavelmente removido por seis mezes. O estreito viu-se já que era apertado e d'um comprimento que desafia o que os Francezes chamam *tour de force*. Ainda mesmo que os Alliados estivessem de posse de toda a península de Gallipoli, e não sabemos se possuirão sequer metade, julgamos que permanecerá inacessivel emquanto a sua orla asiática estiver nas mãos dos Turco-allemaes. Por muito poderosa que fosse a artilheria installada pelos Anglo-francezes na outra orla, e meticuloso o seu cuidado em limpar o estreito das minas ou quaesquer outros meios destinados a obstruil-o, ser-lhes-hia impossivel assegurar trânsito livre á sua esquadra n'uma extensão de quinze léguas. A desobstrucção, por habil que se queira suppôr, offerece difficuldades muito sérias, e não seria completa no emtanto; e a acção combinada da artilheria de terra e de bordo, por violenta e efficaz que se presuma, nunca reduziria á impotência absoluta a do inimigo. Mais do que um grande navio seriam mettidos a pique ou gravemente avariados; e podia muito bem succeder que os incólumes durante uma travessia lenta, nunca inferior a trez horas pelo menos, sob a acção d'um fogo ininterrupto, e sem uma baze prévia de abastecimento e d'operações na costa europeia para além do isthmo que liga a península ao continente, fossem de pouca ou nenhuma utilidade ao exército de terra, e se vissem

elles próprios na contingência de affrontar de novo em sentido inverso a passagem perigosíssima. A sua base actual é Tenedos, crêmos nós, ilha a sudoeste da embocadura mediterrânea do estreito. Gallipoli, porto europeu no começo do isthmo, isto é, na sua embocadura no mar de Mármara, poderia talvez ser essa base no caso de possuir installações imprescindíveis n'uma estação naval sufficiente. Mas, para substituir Tenedos, que supponmos — convem repetir — desempenhar estas funcções de porto naval, deveria offerer a mesma segurança, queremos dizer, não estar exposto ao fogo dos fortes e baterias asiáticas, e cahir antes do inverno em poder dos Alliados. Ora, nem a sua rendição se annuncia como próxima, nem a sua distância á outra margem, a avaliar pelas cartas reduzidas de que nos servimos n'este momento, a põe ao abrigo d'um bombardeio efficaz pelas fortificações do inimigo.

Por consequência, uma transposição dos Dardanelos pela esquadra anglo-franceza, ainda que a imaginemos exequível, ou melhor, facilitada pela conquista da totalidade da península, não seria efficaz para a redução da Constantinopla, a não se reduzir primeiro a sua orla oriental, integralmente. Tudo leva, assim, a crêr que os Austro-allemaes possam ultimar a sua campanha contra a Rússia, sem risco de a vêr interrompida por algum incidente sobrevindo inopinadamente d'este lado, e emprehender uma nova campanha offensiva contra a França, ou onde a julguem mais instante. Os Turcos, cujo renome militar as recentes derrotas na guerra dos Balkans tinham comprometido gravemente, acabam de justificar a previsão do articulista profissional da « *Revue scientifique* », por nós citado no nosso opúsculo « *A guerra* », contrapondo aos assaltantes d'agora

a mesma resistência inabalavel d'uma rocha que em 1877-78 contrapozeram aos Russos no campo entrincheirado de Plewna. Enthusiasmado, como de resto a Europa toda incluíndo os próprios Russos, perguntava elle o que se não poderia fazer com taes soldados, se tivessem melhor commando, melhor e mais pontual retribuição. Bastou dar-lhes n'essa época tantas munições quantas queriam para impedir que a famosa praça cahisse á força nas mãos do valente e obstinado exército que a cercava. Cederam só quando não havia já munições nem que comer. Quando Osman-pachá e os seus homens foram conduzidos prisioneiros, as multidões russas affluíam ás gares para admirar, e applaudir, os combatentes heroicos de Plewna. Não parece que os Turcos d'hoje tenham perdido as suas qualidades militares, nem que lhes falte o que então os impediu de sahir talvez victoriosos.

Uma reviravolta na política dos Balkans creará o perigo que frustre a esplêndida defeza até agora mantida na língua de terra que limita o histórico Hellesponto a sudoeste? Ha muito que n'essa intenção trabalha infatigavelmente a diplomacia das Potências alliadas, — mais um indício de que não contam só consigo para o transpôr; e os últimos telegrammas véem dizendo que os seus esforços não tardam a ser coroados por bom éxito. O óbice estava até aqui na reluctância da Sérvia e da Grécia em assentirem ás exigências da Bulgária, sobretudo relativamente á Macedónia. Agora affirma-se que este pómo de discórdia, «bone» (osso) lhe chama o «Times» n'um índice geographico dos theatros de lucta que publicou ha bastantes mezes, será entregue á Quádrupla-alliança, e devolvida por esta á

Bulgária, ao liquidar do conflicto. Não esclarecem as notícias o que se pretende, d'um modo concreto, da Bulgária. Parece, porém, que se trata da reconstituição da «*Liga balkânica*», de que resultou, como se sabe, o recente desmembramento da Turquia, e da collaboração d'esse amuado paiz n'um ataque geral contra o que resta de território e poder turcos na Europa.

O aspecto político da questão aprecial-o-hemos n'outro logar. Aqui só nos interessa o seu aspecto militar.

Se a Bulgária não accede a entrar na «*Liga*», o projecto da Quádrupla, segundo vulgarmente se diz, está furado; porque, sendo o único paiz dos Balkans confinante com a Turquia, interpõe barreira insuperavel a uma tentativa d'aggressão directa dos coalisados contra ella, se mantiver a sua neutralidade, seja ou não complacente. Uma aggressão indirecta, por outro lado, pouco ou nada modificaria a situação dos Dardanellos, suppondo já que poderiam deslocar, sem risco interno, para o sorvedouro de Gallipoli avultados contingentes de soldados; porque, em virtude da estreiteza da península, o progresso dos Alliados é menos um problema d'effectivos, segundo parece, do que d'abundância de munições e outro material, e de táctica feliz, e sobretudo porque o estreito permaneceria, como até agora, inabordavel. Mas esse transporte de tropas, para representar alguma effiênciã combativa, representaria deficiênciã igual nos recursos defensivos dos coalisados contra uma invasão a esperar pela fronteira da Áustria-Hungria; e n'este caso, até a Grécia teria de juntar as suas tropas diminutas ás da Sérvia e da Romania para que fosse exequível suspendel-a. Imagine-se qual não deveria ser o seu esforço na hypóthese de

agredirem a Bulgária: Búlgaros, Turcos e Austriacos, com certeza esfrangalhariam a «*Liga*» em pouco tempo.

Suppunhamos então, passando por cima das complicações políticas que tornam pouco accetivel a hypóthese, que a Bulgária acceda a entrar na «*Liga*», e a fazer pois causa commum com os Alliados. A queda da grande cidade levantina, embora a pudessem retardar as suas magníficas defezas e a redução prévia d'Andrinopla e outras fortificações da Thrácia turca, poderia considerar-se como certa. Os exércitos da «*Liga*» sommados não serão inferiores a um milhão d'homens (se bem municidados e armados não sabemos), mais que bastantes porisso para vencer os Ottomanos, que só lhes poderiam contrapôr, já pelas perdas soffridas, já pelas forças distrahidas pela campanha dos Dardanellos e da Arménia, quinhentos mil homens quando muito. A desproporção seria immensa e o resultado pois da lucta, indubitavel, com uma restricção que adeante se discute. Realmente, se algum perigo immediato e difficilimo de conjurar ameaça ahi a posição, actualmente segura, dos impérios centraes não é a transposição inverosimil do estreito, mesmo que a península de Gallipoli fosse conquistada, é sómente esse possivel bloco dos balkánicos associado com a Quádrupla-alliança. Os Turcos ficariam em breve illaqueados, por mar e por terra, na Europa, e em breve os Russos, nas condições de retomarem, e agora litteralmente, o seu papel de «*cylindro*», triturando tudo na passagem. Comtanto — parece-nos — que a «*Liga*» seja um facto em poucos dias, e um facto egualmente a abertura das hostilidades contra os Turcos antes que os Austro-allemaes ultimem a sua formidavel batalha contra os Russos, e tornem inconquistavel a sua nova fronteira militar a leste, como a souberam tornar no

occidente. Porque, se este resto de verão se passar em intrigas e parolas, a campanha da Rússia estará finda, a nova linha militar bem guarnecida e preparada para um retorno eventual do adversário, e os effectivos dispensados ahi, com mais que provaveis reservas a esta hora reunidas nos depósitos, podem muito bem attingir, e até exceder, os que o bloco balcánico conta mobilisar em pé de guerra. E n'esse caso, o exército a mover contra a Turquia talvez que nem chegasse a Andrinopla. Dir-se-ha que para tornar em extremo precária a situação dos Turcos-allemães no Oriente já não é precisa a reconstituição da «Liga» dos balcánicos; basta a declaração de guerra, feita pela Itália á Turquia ha poucos dias (21 do corrente mez d'agosto).

É, para elles, a imminência do perigo de que fallávamos atraz. Dada a perfeita segurança de navegação no Mediterrâneo, é o transporte relativamente breve e facil de meio milhão, ou mais, de Italianos para o campo da lucta no Levante, afóra o reforço da esquadra anglo-franceza pelas unidades disponiveis do bloqueio e outras operações no Adriático. Se lhe juntarmos o effeito moral do cheque da marinha allemã no golpho de Riga, que os telegrammas recebidos hoje (24) dão como officialmente confirmado, deve ser pois um esforço derradeiro e decisivo, como tambem se conjectura pela recente chegada de mais navios inglezes a Gibraltar, para forçar dentro em pouco os Dardanellos. Se fosse possivel a reconstituição e a interferência da «*Liga balcánica*» nas condições em que insistimos, inutil seria accrescentar que a resolução italiana seria, sempre com a restricção a debater adeante, o ruir immediato e estrepitoso do que resta á pobre Turquia na Europa. A Itália que até aqui não influía consideravel-

mente na contenda, poderia d'este modo desempenhar á última hora o papel de Blücher na batalha de Waterloo. E desempenharia, certamente, se lhe fosse ainda possível mandar a França um reforço comparavel ao que talvez destine aos Dardanellos. As consequências da hypóthese feita são tão faceis de medir que não vale a pena proseguir em reflexões tão d'ouro e azul. N'estes assumptos embrulhados é preferivel imitar os Inglezes: ser, embora moderadamente, pessimista em vez de optimista obcecado, a quem a mais palpavel desillusão não é capaz de abrir os olhos.

Ponhamos então de parte a «*Liga*», que por'ora apenas figura no rol das hypótheses possíveis, e limitemo-nos a encarar o facto authêntico da declaração de guerra contra a Turquia pela Itália. É tão esmagadora a superioridade naval dos Alliados que o reforço italiano de que fallávamos acima não se torna absolutamente necessário ás operações a emprehender por mar no Oriente, por consequência discutil-o no valor militar que represente, nem no objectivo a que possa destinar-se. O que se torna imprescindivel é ebater a importância do reforço de homens, segundo a funcção ou funcções em que sejam empregados. Pela necessidade evidente de prevenir eventualidades na fronteira da Ístria e do Tyrol, d'expedir talvez para França outro reforço, e de possuir abundância de reservas, será prudente computal-o em quinhentos mil homens, mais ou menos. Para onde serão elles enviados? — porque, sem dúvida, não é a Turquia que tem de transferir um seu exército para a Itália.

O que lembra desde logo é que se formaria com elles dois exércitos, um destinado á defeza da Tripolitana e da Cyrenaica na hypóthese d'uma sublevação

dos beduínos, e o outro, o principal, a colaborar no propósito dos Alliados em forçar definitivamente os Dardanellos. Se, porém, essa esperada sublevação (se realmente os Turcos a têm vindo preparando) se não der, ou puder ser depressa reduzida pelas actuaes guarnições italianas com auxílio da esquadra, e talvez de reforços enviados do Egypto no caso de terem os Inglezes confiança n'estas tropas, e de as poderem dispensar,—aquella distribuição de forças será inutil, e o seu effectivo total, consagrado exclusivamente á cooperação a que se allude. Resta apurar de que modo esta cooperação será intendida, e se levaria ao resultado que s'espera, queremos dizer com isto, á passagem do estreito e á tomada consecutiva da esplêndida Stambul, conforme os seus possuidores ottomanos a designam.

Quanto á passagem do estreito, impossivel prevêr com segurança se para ella seria factor sufficiente a consideravel contribuição de soldados que a Itália pode offerecer aos seus amigos anglo-francezes. Seriam indispensaveis para essa previsão informes concretos e elementos de juízo que, infelizmente, não é facil obter em Portugal. Quaes são os effectivos d'um e d'outro belligerante, que se defrontam n'este momento na disputada península? Qual o valor dos fortes e baterias turcas que ainda continuam resistindo? Que porção da península foi até hoje definitivamente conquistada? De que modo, isto é, onde e em que extensão s'encontram dispostos n'ella os assaltantes? Porfim, que accidentes naturaes assignalam o terreno que se deseja conquistar? A resposta a estas perguntas era preliminar obrigatório a uma apreciação, quanto possivel, exacta da situação dos combatentes, por consequência á emissão d'um juízo de tal qual correspondência com os factos

militares que a interferência italiana venha a produzir. Mas a penúria de informes, incluindo os geográficos, revela-se aqui muito maior, e muito mais para sentir, do que nos outros campos de batalha. Nem sequer podemos contar com *factos brutos*, isto é, com ocorrências militares incontroversas a localisar nitidamente nas cartas communs de que dispomos.

Acabamos de lêr, por exemplo, que o cruzador francez «Saint Louis» destruiu umas cinco baterias, entre Kum-Kale e Chanak, que vinham infligindo perdas e incómodos ás tropas francezas sob o commando do general Bailloud. Chanak é aquelle poderoso forte asiático que domina o passo mais apertado do estreito; mas Kum-Kale onde estará precisamente? Procura-se na carta dos Balkans que o sizudo e escrupuloso «*Times*» publicou, e não ha desencantar ess'outro forte, povoado, ou quer que seja, ao longo da mesma costa para nordeste ou sudoeste. Que zona estão occupando as tropas do general francez Bailloud? Estão occupando a orla europeia, por certo. Mas occuparão a orla apenas, ou toda a largura da península até á contra costa, e só por conseguinte a sudoeste d'aquelle passo até hoje, parece, intransponivel pela frota dos Allia-dos? E os Inglezes onde é que estão fortificados? Na costa do golpho de Saros tão sómente? E que extensão d'essa costa está agora em seu poder? As notícias do télégrapho bem nos dão, de vez em quando, os nomes de taes ou taes villórios ou aldeias a propósito d'escaramuças e d'um ou outro combate mais sangrento travados entre aggressores e defensores. Estendal inutil de toponymia arrevezada! Não ha meio de suspeitar sequer onde é que ficam esses incógnitos logares, nem tampouco de limitar, fosse embora grosseiramente, a

fronteira que separa as posições actualmente mantidas por um e outro adversários. De maneira que, sendo de todo impossível raciocinar com dados certos, vêmo-nos fatalmente compellidos a lançar mão de conjecturas. Não completamente arbitrárias, entenda-se; no entanto, conjecturas. Das mais que lacónicas notícias telegráficas o que parece colligir-se, quanto a essas posições, é que os Francezes occupam toda a extremidade de sudoeste da península d'uma a outra costa, e os Inglezes a região d'ella demarcada pelo mar (Mediterrâneo e golpho de Saros, a O. e a N.) e uma linha tirada de Kilid Bahr (a O.), que julgamos pertencer ainda aos Turcos, para um ponto da margem sul d'aquelle golpho que não se pode precisar. Os Turcos occupariam todo o resto da península, metade ou mais por conseguinte, desde a costa do golpho á do estreito acima d'aquelle forte que, em face de Chanak, lhe domina a secção mais apertada. A frente de batalha não excederia, assim, 25 a 30 km., com approximação sufficiente, — se, bem entendido, houver continuidade d'occupação.

Sobre os effectivos combatentes não temos dados que os permittam calcular. O que se pode razoavelmente presumir é que não sejam muito elevados, em consequência da extensão restricta d'aquella frente de batalha, da configuração e limitação absoluta do terreno, que não consentem desdobramentos lateraes a nenhum d'elles. A morosidade extraordinária das operações não comporta em grande parte, certamente, outro motivo. Se a esquadra anglo-franceza não consegue vencer as difficuldades da travessia entre as duas grandes fortalezas mencionadas, nem apoderar-se d'algum ponto da costa de Saros entre o isthmo e o ex-

tremo norte da linha presente de batalha ou mesmo no isthmo, conforme os factos auctorizam a suppôr, a expulsão dos Turcos da península, visto não depender senão em parte mínima da accumulção dos assaltantes, terá de continuar tão lentamente como tem sido até agora observada. Será muito menos uma questão d'effectivos do que d'armamento, munições e tenacidade na investida. A affluência de reforços italianos será pouco menos do que inútil, pela razão manifesta de não haver terreno onde aproveitar tantos soldados. Servirão para cobrir as perdas, se quizerem os optimistas, servirão para incutir novo alento aos Anglo-francezes; para influírem numericamente na evacuação rápida da inexorável maxilla é que o valor da sua collaboração é contestavel. E não esqueça que o inverno se approxima, e que o estado do mar nem sempre ha de permittir facilidade nas communicações da península com Tenedos, e outros pontos do Mediterrâneo que constituem bases das operações, terrestres e navaes, do exército alliado. Ao passo que os Turcos as terão completamente garantidas, atravez do isthmo e da metade norte do estreito, com o seu território continental na Europa e na Ásia. Seria uma differença de situação para ter em séria conta, visto como a segurança e rapidez de ligações de combatentes quaesquer com as bases que os abaslecem e apoiam são uma exigência elementar da arte da guerra. Ora, a esquerda anglo-franceza não tem conseguido ir além do passo defendido pelas fortalezas de Kilid Bahr e de Chanak, o isthmo não foi ainda cortado, ao que nos consta, ou porque o littoral sul do golpho de Saros seja por essas alturas inabordavel, ou porque esteja poderosamente defendido; e por outro lado, como se disse, a estreiteza da península não faculta grande

aglomeração de soldados, nem liberdade de movimentos ainda que apenas relativa, nem concepções audazes d'estratégia. Que concluir, portanto, se os profissionaes acharem justas estas reflexões d'um simples curioso na matéria? Que a situação dos belligerantes continuará pouco mais ou menos como agora, não obstante qualquer restricto auxílio italiano, se é que a entrada do inverno, d'aqui a mez e meio ou pouco mais, não vai tornar as operações muito mais desesperadamente arrastadas e perigosas. No entretanto, é evidente que os Austro-allemaes terão posto remate á sua campanha na Polónia, e ficarão promptos a conduzir as suas forças disponiveis para onde a conjunctura o reclame.

Prescindir da occupação completa da península, se a esquadra não é prescindivel para tomar Constantinopla, é impossibilidade tão patente como prescindir da esquadra para conquistar a totalidade da península. Temos aqui pois um círculo vicioso de que não se percebe como sahirão os Alliados. E note-se que não nos referimos já á redução da orla asiática do estreito, para não complicar mais o problema.

Indirectamente, porém, não seria resolvido ensaiando-se um desembarque n'um ponto accessivel do litoral entre o isthmo e a fronteira da Bulgária? Eis uma suggestão que só aos entendidos cabe apreciar. Nós, como profano incompetente, não lh'encontramos senão objecções. Na costa septemtrional do golpho de Saros existirá esse ponto não só abordavel, mas facilmente convertivel n'uma baze de operações militares de largo fôlego? Parece que não; d'outro modo, ha muito que teria sido utilizado, visto as águas do golpho serem dominio seguro da esquadra dos Alliados. Se existe, a abstenção d'um desembarque só poderia

compreender-se por estes, ou algum d'estes motivos: falta d'effectivos bastantes para a magnitude e os riscos da empreza, defeza terrestre invencivel para os recursos offensivos da esquadra (como se dá, segundo parece, com a orla asiática do estreito), distância excessiva d'esse ponto ao isthmo de Gallipoli, de maneira a tornar mais que duvidosa uma acção combinada entre as forças desembarcadas e as que operam na península. Supponhamos, por amor do argumento favoravel aos interesses da Quádrupla-alliança, que só o primeiro motivo impedira até hoje o desembarque. A declaração de guerra pela Itália á Turquia é claro que o remove. Admittamos ainda que um mez baste á conducção de 500:000 Italianos até ao littoral turco a que fizemos referência. A conquista de Constantinopla ficaria, por esse facto, plenamente assegurada?

Observemos, em primeiro lugar, que essa desejada conquista não passará d'um sonho vão emquanto o Bósphoro (uns 30 kilómetros de comprimento), tão estreito e tão poderosamente artilhado n'uma e outra orlas como são e como estão os Dardanellos, continuar nas mãos dos Turcos. A posse do mar de Mármara pela frota anglo-franceza crêmos que não bastaria á redução do famoso império oriental, sobretudo quando importantes razões políticas impunham a necessidade de o subtrahir, o mais possivel, a um bombardeio destruidor. O porto, embora amplo e plenamente accessivel nas circumstâncias ordinárias, deve estar a est' hora bem defendido contra qualquer surpresa eventual, e dominado por fortificações permanentes que tornem a aproximação e a entrada dos navios inimigos empreendimentos arriscados. Quando mesmo um bombardeamento efficaz e um desembarque ulterior

pozessem uma parte da cidade em poder da marinha-gem, a sua posse integral definitiva exigiria a cooperação victoriosa do exército sitiante.

Povo algum se resigna a perder a sua capital, muito menos um povo guerreiro e uma capital em magnífica situação para uma formidável resistência, sem que veja de todo exauridos os seus últimos recursos. Tem-se fallado, por vezes, em revoltas contra o partido da Joven Turquia, actualmente dominante no governo, e tambem na intenção d'esse próprio partido em negociar separadamente a paz com os Alliados. Não sentiríamos grande repulsa em acreditar n'essas intrigas de jornaes, que uma comprehensivel manobra diplomática alimenta, se a Joven Turquia, ou os Velhos Turcos, tivessem a certeza de que os Alliados consentiriam em celebral-a sob a condição expressa de que seria respeitada a integridade do império, ou pelo menos garantido na Europa o território sufficiente para que o mar de Mármara e os estreitos não corressem novo risco no futuro. Mas eis precisamente a condição que os Alliados não acceitariam. Não s'emprehendeu a expedição aos Dardanellos para deixar tranquillo na Europa, e até na Ásia, o «moribundo do Oriente». Emprehendeu-se para, entre outros fins que serão examinados, arrebatat por uma vez á Turquia todo o seu território europeu que as recentes guerras dos Balkans lhe pouparam, e a orla asiática, desde o Mediterraneo ao mar Negro, que se julgasse imprescindivel á manutenção collectiva do regimen que se imaginou previamente para os estreitos. Não pode haver illusões a este respeito: a questão é de vida ou de morte para a Turquia. Se é vencida, ou pede a paz, Jovens ou Velhos Turcos ver-se-hão forçados a perder Constanti-

nopla, para nunca mais a rehaverm, — se mesmo na Ásia os Alliados lhe não esfrangalharem os domínios.

Será pois crível que os Turcos todos, Jovens e Velhos, não façam, em caso de risco imminente, evacuar a cidade por toda a população inválida ou suspeita, e se não disponham a defendel-a até ao último suspiro? Será também acreditavel, dada a mesma perspectiva, que os impérios do Centro não fizessem equal esforço desesperado para manter no seu jogo uma pedra de valor inestimavel, ou tornar, ao menos, a sua perda tão gloriosa e retumbante como o foi a sua aquisição pelos Ottomanos em 1453? Concordemos em que são hypótheses muito pouco verosimeis.

Observemos, em segundo logar, que um exército tão numeroso como acima suppozemos não conseguiria tampouco, pelas considerações que vimos de fazer, tomar Constantinopla sem o auxilio d'uma esquadra, se os Allemães, como parece, a converteram n'um fortíssimo campo entrincheirado, e presidissem, como seria d'esperar, a todas as operações e trabalhos de defeza.

Observemos, porfim, que esse exército não poderia intentar sequer o cêrco da cidade sem primeiramente se apoderar das praças fortes que lhe ficariam á rectaguarda, Andrinopla, Kirk-Kilisseh, áfora outras menos importantes, e das linhas escalonadas de defeza, dispostas ha muito sem dúvida para isso, que lhe difficultam o accesso.

Se formamos ideia justa das qualidades que definem a intelligência e o character dos Allemães, por consequente do seu cuidado previdente e minucioso em assumptos militares, não andaremos muito longe da verdade suppondo, em resumo, que o território

turco da Europa é hoje, todo elle, uma espécie de campo entrincheirado susceptivel, senão de frustrar, de retardar por mezes uma tentativa d'invasão, mesmo pelo seu lado mais accessivel, que é a fronteira da Bulgária.

Imaginemos-a tentada pela costa do Mediterrâneo, examine-se uma carta, embora commum, com attenção, compute-se a distância do presumido ponto de desembarque (escolhido, naturalmente, de maneira a que os invasores não fossem depressa repellidos para aquella fronteira ou para o mar) até á cidade a investir, repare-se na distância e na direcção de Andrinopla e das linhas férreas em relação ao exército atacante, e vê-se-ha facilmente se uma empreza tão difficil offerece probabilidades de bom éxito. Um desembarque ainda talvez seja operação realisavel; a consolidação em terra d'um núcleo bastante forte para resistir a violentos contra-ataques, e irradiar d'ahi victorioso, apresenta já sérios precalços; no entanto, poderão ainda admittir-se. As verdadeiras difficuldades surgiriam quando esse exército, já longe da costa, para onde a sua retirada seria cada vez menos segura, e talvez a derrota irreparavel, pretendesse ligar-se pela sua direita aos combatentes da península, e visse ao mesmo tempo exposta a sua esquerda a um ataque das forças turcas que cobrissem Andrinopla. Ora, essa ligação não se vê como pudesse effectuar-se, a não estarem os Anglo-francezes já senhores do isthmo e d'uma zona adjacente do território continental — o que, aliás, dispensaria a invasão que se discute; e não podendo effectuar-se, o exercito italiano ficaria encurralado na espécie de cunha formada pelo costa do golpho e pelo Maritza, e compellido pois a reembarcar, se o deixas-

sem fazel-o livremente, ou a internar-se na Bulgária. Em qualquer dos casos, o desastre era infallivel. D'onde se conclue, e só n'este intuito phantasiámos aquella tentativa d'um desembarque no littoral norte de Saros, que uma marcha do exército alliado para reduzir Constantinopla exige a redução preliminar de toda a península e a collaboração permanente da esquadra. A península seria a única baze, de segurança relativa, para que o exército invasor podesse retirar, se lhe falhasse o objectivo; a esquadra, um ponto d'apoio indispensavel, primeiro, á destruição das fortificações turcas ao longo da orla septemtrional do mar de Mármara, depois á solidez da ala direita do exército, cuja ruptura, em qualquer dos movimentos d'avançar ou recuar, no segundo principalmente, implicaria talvez a anniquilação de todo elle.

Supponhamos ainda, para argumentarmos em favor dos Alliados, que o exército invasor, graças á conquista prévia da península de Gallipoli e da cooperação marítima da esquadra, se apossava da região sul do continente, e tinha, por ex., a sua direita apoiada no porto de Rodosto (a uns 95 km. do isthmo), o seu centro e a sua esquerda estabelecidos no Ergene (affluente do Maritza pela esquerda), senhores portanto da linha férrea que liga Constantinopla a Andrinopla e Kirke-Kilisseh: a queda da magnífica cidade poderia considerar-se como certa? E duvidoso. E era-o por dous motivos que se nos affiguram capitaes: primeiro, porque era imprescindivel, antes deprehender novo avanço, subjugar aquellas e outras praças fortes de toda a região norte do Ergene; depois, porque haveria a conquistar, por assim dizer palmo a palmo, toda a espécie

de península, a oeste da esplêndida cidade, entre o mar de Mármara e o mar Negro. Ora, quando se attenda aos rios e outeiros que embaraçariam todo esse largo movimento involvente em volta de Rodosto, e ao poder das fortificações a reduzir,—de que effectivos não seria necessário dispôr para dominar todos esses obstáculos, e cobrir todas as perdas que de tantas e tão difficeis operações resultariam? E dado que os effectivos não faltassem, que tempo não gastaria o exército invasor a chegar da soleira de Gallipoli ao limiar de Constantinopla? Antes de chegar ao *terminus* da marcha, seria muito para temer que os Austro-allemaes se tivessem apoderado do Veneto, ameaçando todo o norte da Itália, ou, se o perigo apertasse, tivessem conduzido um exército ainda mais poderoso atravez da península dos Balkans.

Não estamos longe de crêr que estas duas perspectivas — a lentidão, além do risco, em attingir a famosa cidade levantina, e a possibilidade d'um auxílio Austro-allemao immediato — não terão contribuído pouco para a attitude neutral, senão mesmo reservada e irresoluta, das trez nações baltánicas, particularmente da Bulgária e da Romania.

Assim, pois, a questão formulada um pouco atraz parece-nos que não admitte senão resposta negativa. Afóra o porto de Enos, que tem de ser evidentemente excluído, nenhum ponto do littoral mencionado se prestaria á invasão que suppozemos; e que prestasse, não se adiantaria nada na solução do problema de attingir Constantinopla, nem sequer de conquistar integralmente a *maxilla* inferior dos Dardanellos. A terrivel lucta n'esta faxa apertada de terreno dá-nos a impressão de não ter desfecho decisivo

para nenhum dos contendores, e de não passar também d'um novo círculo vicioso. Para que os Alliados avançassem apreciavelmente era necessário que a esquadra progredisse; para que esta progredisse, indispensavel que em terra se avançasse. E nem assim mesmo, conforme tivemos occasião de accentuar. O estreito nunca será provavelmente forçado — repetimos — nem, que o seja, facultará um trânsito seguro á esquadra dos Alliados, permittindo-lhe ao mesmo tempo transferir para Gallipoli a sua base actual d'operações, emquanto a orla asiática proseguir nas mãos dos Turcos. Ha meio de desembarcar ao sul dos Dardanellos um exército que a reduza, e que possa repellir com éxito os esforços do inimigo para o fazer reembarcar, ou ao menos para o não deixar transpôr a linha do Mendera? Se ha, a passagem ao longo da guela formidavel é possível que se realisasse a salvamento, embora se tivesse de a protelar por algum tempo. Se não ha, é mais que provavel que nunca venha a effectuar-se, que nunca se tentaria, em todo o caso, sem constante e immenso perigo para os navios da esquadra. A expedição aos Dardanellos cifrar-se-hia então sómente n'um sacrificio enorme e inutil de material e de soldados, n'uma verdadeira aventura a liquidar por uma hecatombe.

Os profissionaes talvez e pensebnn d'outro modo. Quanto a nós, profano incompetente, limitamo-nos a consignar aqui as nossas impressões sobre a complicadíssima questão. De novo lembramos que a ideia nos tinha occorrido no próprio mez (novembro findo) em que a Turquia se declarava em guerra com os Alliados, pouco depois de abolir as « capitulações » e

de fechar á navegação os Dardanellos. E foram tantas e tão diversas as difficuldades que lhe vimos, que não nos detivemos largo tempo a examinal-a, relegando-a de vez para o rol das phantasias e das chimeras que, como a todo o bom peninsular, nos seduzem de quando em quando. A ideia encarnou tambem n'outras cabeças, como desde fevereiro comprovamos; de simples devaneio irisado transitou a realidade bem penosa; para nós, porém, continuou a ser a chimera e a phantasia que nos obsediou ha uns quantos mezes. E de tal modo que nem mesmo na hypóthese feita em último logar nos convencemos de que os Alliados chegariam, afinal, á esquiua e encantadora cidade dos Sultões.

Por carência d'uma esquadra, ou d'uma grande esquadilha de submarinos pelo menos, os Turcos poderão não expulsar de Gallipoli os Alliados; mas, a não lhe faltarem munições e armamento, é tambem pouco ou nada crível que venham d'ahi a ser desalojados. Felizmente para elles, a Rússia como Potência naval é quasi um valor. nullo no mar Negro,—para elles e para os Austro-allemaes. E assim, a não intervirem os balkánicos sem que os impérios do Centro conseguissem paralyzar logo a intervenção, a lucta n'esse terreno de batalha continuará violenta e indecisa, até que um golpe mortal se vibre n'outra parte, ou os povos deliberem acabar com o morticínio.

Esse golpe de misericórdia vibrar-o-hão os Alliados, em vez dos Austro-Allemaes? É isso, no entanto, o que se deve deduzir das seguintes palavras de Mr. Asquith, pronunciadas no banquete de Lord

Mayor em novembro do anno que findou, e por elle reproduzidas no final do seu discurso na camara dos Communs no primeiro de março do anno que decorre:

«Não embañharemos a espada, que não desembainhamos frivolamente, sem que a Bélgica tenha recuperado em absoluto tudo e mais alguma coisa do que sacrificou, sem que a França fique adequadamente garantida contra ameaças d'aggressão, sem que os direitos das pequenas nacionalidades da Europa fiquem assentes em bases inatacaveis, e sem que o domínio militar da Prússia fique absoluta e completamente destruído».

Nada pode haver, pois, mais cathegórico. Não s'exprime aqui apenas o propósito irrevogavel de conduzir a guerra até exaurir todos os recursos em «gentes e dinheiro», segundo tambem já affirmara anteriormente Mr. Churchill (ministro da Marinha) no seu discurso de 15 de fevereiro; affirma-se a plena certeza de realisar todos os objectivos indicados, que se podem considerar virtualmente resumidos no que figura em último lugar. Legítimo, então, d'ahi concluir que o domínio militar na Prússia ha de ficar, por força, «absoluta e completamente destruído»; e que para esta destruição se conta vibrar aquelle golpe, em vez de s'esperar que o descarregue o inimigo. Ha, por conseguinte, um plano de guerra a contrapôr ao que deixamos exposto em breves linhas, e cuja superioridade sobr'este se julga, provavelmente, indiscutivel. Qual será esse plano, e em que fundamentos assentará a convicção de que ha de prevalecer sobre o que o adversário vem desenvolvendo?

Até á época (1 de março) em que Mr. Asquith

pronunciou o seu discurso, julga-se comprovar-se-lhe a existência, definir-se-lhe mesmo as linhas principais; e justo é confessar-se, se elle foi o que toda a gente presumiu, que recebeu uma execução satisfactoria, e n'alguns dos seus pontos completa.

Nas operações terrestres, dissemos já que consistiu, provavelmente, em sustar a invasão da França pelo exército allemão, recalcal-o em seguida para o Mosa ou para o Rheno, proseguindo-se a contra-offensiva, no caso d'esse éxito inicial, no próprio território da Allemanha, pela Alsácia-Lorena e pela Bélgica; no caso d'inéxito, cobrir Paris a todo o custo, e levar depois a contra-offensiva até onde as circunstâncias permittissem. Verificou-se que foi esta segunda hypóthese a que se deu, e até onde a contra-offensiva foi levada; e não ha dúvida que n'este ponto o plano dos Alliados recebeu cumprimento não só satisfactorio, mas brilhante.

Outro tanto se deve dizer do que parece ter presidido ás operações na frente oriental. Ao tempo em que os Anglo-francezes davam a triumphante meia-volta do Marne, e arremettiam no Aisne e nos departamentos do Norte contra o inimigo em retirada, invadiam os Russos a Galícia, onde tomavam Lemberg, bem como a Prússia oriental, e ameaçavam d'ahi ha pouco, d'um lado a Posnânia, d'outro lado a Silésia e a Hungria. Não puderam manter a invasão da Prússia oriental, como é sabido, nem tentar a da Hungria e da Silésia; mas souberam conservar a da Galícia, onde conquistaram a forte praça de Przemysl, pozeram em risco imminente o velho empório polaco da Cracóvia, repelliram magnificamente as tentativas

insistentes do inimigo na Lithuânia septentrional e na Polónia, e teriam certamente retomado o seu objectivo de invasão, da Austria ao menos, se não o viessem frustrar a diversão que a Turquia promoveu na Transcaucásia, o estacionamento da offensiva dos Alliados no occidente, e por último a deploravel carência das munições, senão mesmo d'algum material.

O seu plano, se consistia, como parece, em chegar a Vienna ou a Budapesth, não ha dúvida em que falhou, tal qual o dos Allemães em chegar até Paris. Se porém se limitava, conforme primitivamente se pensou, ao que se disse, a esperar o embate do inimigo na Polónia, em todo o caso a repellir d'aqui os Austro-Húngaros e occupar-lhes toda ou parte da Galícia, manter em respeito os Allemães, e em favorecer indirectamente d'este modo uma offensiva occidental, tambem não pode restar dúvida em que foi executado á risca, ou ainda além do que seria necessário, até cêrca da época em que Mr. Asquith pronunciava o seu discurso.

Nas operações marítimas, o plano inglez, como é facil induzil-o das palavras dos discursos a que nos referimos atraz, recebeu indubitavelmente a mais cabal e feliz execução. Varrer dos mares o pavilhão inimigo, assegurar todas as grandes linhas de commércio, fazer transportar, sem risco de vidas, atravez dos «oceanos do mundo» um milhão d'homens, pôr os seus domínios e colónias ao abrigo d'uma sublevação ou d'um ataque, arrebatat as colónias (exceptuada a África de leste) ao seu principal antagonista, aniquilar-lhe (no combate de 8 de dezembro nas ilhas Falkland) o que restava dos seus navios de guerra

nos mares da China, Atlântico e Pacífico, impedil-o de mobilisar nos mares abertos a sua frota engarrafada (combate de Dogger Bank, a 24 de janeiro), — n'uma palavra, garantir a sua supremacia naval indiscutível, e até quasi absoluta, é incontestavel que tudo isto a Inglaterra conseguiu.

Não ha o mínimo resaiibo de, legítimo aliás, orgulho patriótico n'esta passagem do discurso do ministro da marinha, Mr. Churchill:

« Estabelecemos actualmente o dominio do mar como nunca tínhamos aspirado, nem jamais os nossos antepassados conheceram em período algum da nossa história ».

Mas aquelle plano, ao menos a contar desde fevereiro, abrangia mais dous pontos, pelo menos, d'importância transcendente, e que foram provavelmente a razão porque Mr. Churchill considerava a Marinha ingleza « a principal e infallível reserva » dos Allia-dos, ao fechar o seu discurso. Referimo-nos á expedição aos Dardanellos, e á « pressão económica », ou bloqueio naval, exercida sobre os impérios do Centro com a amplitude que consta da declaração lida perante os Communs, a 1 de março, pelo chefe do Governo Mr. Asquith. Ora, se não havia n'elle mais nenhum objectivo cuja importância se lhes podesse comparar, e não se vê qual fosse, na verdade, forçoso é reconhecer que o resultado não justificou a expectativa. Algumas palavras breves, em additamento ás que foram consagradas ao assumpto, mostrarão, crêmos nós, que não a justificará tampouco no futuro.

A expedição aos Dardanellos, diz Mr. Asquith no seu discurso que « foi estudada cuidadosamente e concebida com intuitos bem definidos e distinctos — polí-

ticos, estratégicos e económicos». Ora, quaes seriam os intuitos estratégicos, os únicos que nos interessam por agora? Quer-nos parecer que foram: annullar a offensiva dos Turcos intentada contra o canal de Suez e o Egypto em princípios do anno que decorre; diminuir a pressão exercida por elles sobre os Russos na Transcaucásia, permittindo-se a estes concentrar o máximo dos seus esforços na Polónia; fornecer a este seu Alliado o material de guerra e as munições de que viesse, como vieram, a precisar; pôr, finalmente, os Turcos fóra de combate, pelo menos na Europa. E possível que houvesse ainda a intenção de os enfraquecer do lado do Mar Vermelho e da Mesopotámia, e de ter indirectamente na mão os povos dos Balkans na hypóthese de qualquer d'elles se mostrar complacente com os Austro-allemaes. Aquelles foram, de certo, os objectivos capitaes, que, de resto, se podem resumir no de forçar a Turquia á impotência militar, pelo menos na Europa.

O primeiro conseguiu-se, não ha dúvida, menos talvez pela expedição contra o estreito do que pela fidelidade das populações egypcias e pelas múltiplas difficuldades da travessia do deserto que confina com o canal. O segundo foi só parcialmente conseguido, por terem os Russos ficado, com effeito, um pouco alliviados na sua fronteira turco-persa, e nem por isso terem evitado o seu recuo successivo na Galícia e na Polónia. O terceiro e o quarto não chegaram a receber um princípio sequer d'execução, embora fossem, precisamente os que seria essencial realisar depressa e com éxito seguro.

O Bósphoro, por falta d'uma boa marinha russa no mar Negro, ficou, e é evidente que ficará absolu-

tamente inacessível, por se não haver transposto, e enquanto se não transpuzer os Dardanellos. A sua redução integral não será mesmo possível, dando de barato que este fosse transponível sem precalços, a não se dar a colaboração n'essa obra d'um exército que possa operar n'uma e n'outra margem, como se nos affigura que nos Dardanellos s'está verificando. A d'este, julgamos egualmente estar-se vendo que não o será tampouco no futuro, ainda mesmo que o inverno não tardasse a embaraçar, e a interromper até, as operações, enquanto um exército não fôr cooperar na orla asiática.

Relendo ha pouco telegrammas relativos ás que foram primitivamente effectuadas, vimos que se contava, se é que os informes são verídicos, com a redução dos fortes e baterias turcas ao longo d'uma parte da orla europeia do estreito bombardeando-os do golpho de Saros, por cima do isthmo bastante longo e apertado que liga a península ao continente, e que se conseguira d'esta maneira metralhar e incendiar o porto de Gallipoli. Admittamos a veracidade nos informes. Porque não se terá desembarcado então no isthmo, cortando assim as communicações terrestres dos defensores com o continente europeu e o mar de Mármara, visto como Gallipoli fica na embocadura do estreito, e de lá proseguido systematicamente na redução d'essas baterias e fortes, tal qual s'está fazendo do lado do Mediterrâneo, até que esta convergência nos ataques determine a do collo intransponível até hoje, entre Chanak e Kilid Bahr, os dous poderosos reductos que o defendem? Dizia mais um d'esses telegrammas que a orla asiática, desde a embocadura até Chanak, tinha sido totalmente varrida, pelo bombar-

deamento das esquadras, de todas as fortificações que os Turco-allemaes haviam n'ella construído. Porque se não tentaria então um desembarque, fosse embora apenas para ajudar a demolir esse reducto, e como entender o telegramma, já por nós citado a outro propósito, noticiando a demolição de cinco das seis baterias, subsistentes ha pouco, entre Chanak e Kum Kale, a sudoeste pois do cotovêlo do estreito?

Se todas estas notícias, apparentemente contraditórias, são authênticas, claro que não ha senão um meio de as conciliar umas com outras: os fortes e baterias da orla asiática foram arrazadas com effeito, e reconstruídos mais tarde porque essa orla seja inaccessible. Ficaria assim provada a nossa these: o estreito não será transposto emquanto a sua costa asiática estiver nas mãos dos Turcos. E do lado da Europa: os fortes e as baterias do isthmo e da orla adjacente da península foram derribados, e incendiada Gallipoli, mas nada se adeantou com a destruição e com o incêndio porque o isthmo não se presta a um desembarque, e porque o porto de Gallipoli e a sua costa a sudoeste são completamente dominados pelas fortificações da margem asiática fronteira, de que só os Turcos estão senhores. O alcance d'estas breves reflexões é intuitivo; porque já ficou explicado não ser possível a transferência, para esse porto, da actual base d'operações da esquadra, que é Tenedos crêmos nós, como seria indispensavel para evitar os perigos d'um vai-vem constante dos navios no estreito, ainda que toda a península fosse conquistada.

Quanto á «pressão económica», tínhamos dito já que não levaria ao effeito desejado, ainda mesmo — o que não é muito verosimil — que o bloco dos impé-

rios se não podesse sustentar com os seus recursos, ou para cobrir um *deficit* possível, com os adquiridos nos paizes neutros directa ou indirectamente confinantes, e não tivesse armazenado com bastante antecedência consideravel provisão das matérias primas mais essenciaes á sua indústria. Os próprios governos britânico e francez parece haverem presentido, senão previsto lucidamente, a inexequibilidade do projecto quando illucidam, pela bocca de Mr. Asquith, que se abstiveram de propósito em empregar, na Declaração collectiva de 1 de março, os termos «bloqueio» e «contrabando». A explicação significa, com perdão dos signatários do documento, que se desejava organizar, litteralmente, um bloqueio á Allemanha e Áustria-Hungria, e declarar todas, ou quasi, as mercadorias que se presumisse «de destino, propriedade ou origem inimiga», contrabando; mas que se reconheceu a impossibilidade de o tornar effectivo, isto é, completo e rigoroso. Esta nossa interpretação da fórmula adoptada resulta do contexto do discurso, e do modo como n'elle é definido o bloqueio.

Um bloqueio, n'este caso, ou seria o «impenetravel círculo de navios de guerra», como bem o define Mr. Asquith, completado por ou complementar de equal círculo d'exércitos, ou teria forçosamente de falhar. E teria de falhar, porque precisava de ser directo, e de excluir portanto as nações neutras. Deixando de lado a Turquia, por simplificar o problema que a Declaração dos dous Governos veio suscitar, o bloco dos impérios está, com effeito, cercado por exércitos nas suas fronteiras russa, franceza, sérvia e italiana, e bloqueado estreitamente por esquadras nas suas orlas marítimas, de resto pouco extensas, do mar do Norte

e do Adriático. O cêrco não se pode completar, porque a Romania a sueste, a Hollanda e a Dinamarca a no-roeste são neutraes e são limitrophes; o bloqueio não pode ser impenetravel, porque o littoral da Grécia e da Bulgária, que dão accesso á Romania e o da Suécia e da Dinamarca, prescindindo já da Noruega, que indirectamente o dão no Báltico, são neutraes, e em certo sentido confinantes, como com o littoral hollandez tambem succede. Todos estes paízes podem, por terra ou por mar, commerciar com os dous impérios, que o mesmo vale dizer, fornecer-lhes todas as mercadorias próprias ou em trânsito, isto é, de producção nacional ou nacionalisada (para fugir á Declaração, na passagem que reproduzimos atraz), e d'elles receber para exportação o excedente d'artigos que o seu estado de guerra lhes permitta produzir. Todas,—incluindo armamento e munições, e certas matérias primas consideradas contrabando, desde que sejam de producção nacional de cada neutro, ou sejam por elle adquiridas ao abrigo do Direito internacional que até agora tem regulado essa matéria.

Ora, dentro das fórmulas jurídicas em uso, como hão de os Governos alliados impedir este commércio, se elles próprios se tornaram paladinos da validez dos tratados e de todas as convenções d'esse character, e das pequenas nacionalidades que a ambição das grandes Potências ameece? Para as nações neutras e limitrophes, e mesmo para as restantes não limitrophes, que foram acima enumeradas, é evidente que jámais o poderão impedir, nem sequer embarçar, sempre que esse commércio seja próprio, pouco importando ao caso as mercadorias negociadas. Dir-se-ha que poderão, todas as vezes que o artigo classificado « contra-

bando» seja recebido de fóra pelos neutros. Nem n'esta hypóthese, ainda que a Declaração não fizesse de tudo, incluindo alimentos, contrabando de guerra, e se restringisse a mercadorias para indústrias militares. Qualquer d'esses paizes neutros resolve, por exemplo, impedir o máximo impulso á sua marinha ou ao seu exército, accumular por conseguinte armamento, munições, matérias primas destinadas á indústria, embora não seja militar, na eventualidade de se defender ou d'aggreddir, ou apenas para fazer face a crises económicas ou desenvolver o seu trabalho, e recorre para este seu fornecimento ao estrangeiro. Vão os Alliados impedir-o de os importar, ou vão metter-se a juizes do que elle julgue imprescindivel para a sua segurança? Em nome de quê procederiam d'esse modo? Se tal prohibição, ou tal interferência fossem possiveis, — que garantia restava aos neutros contra a pressão dos Poderosos? Uma tyrannia não deixa de ser odiosa pelo facto de s'exercer do alto da ponte d'um navio, em vez do alto da sella d'um cavallo; seria até mais odiosa, porque tentara previamente insinuar-se em nome da liberdade, da justiça e do direito.

Não insistindo, porém, no aspecto moral do problema, que, de resto, bastaria por si só para demonstrar que elle é insolúvel, a «pressão económica» imaginada seria materialmente inexequível. Nenhuma espécie de fiscalisação, sobretudo em escala gigantesca, é capaz de reprimir o contrabando. O natural empenho dos commerciantes em evitar os prejuizos da guerra, tão duradoura e generalisada como esta se annunciou desde logo, a avidez de muitos d'elles em se aproveitar da occasião para realisarem grandes lucros, a paixão politica d'alguns, o mero prurido de affrontar riscos e de

contrariar tudo quanto é prohibição, triumphariam sempre de quaesquer medidas que os Alliados pozessem em obra para o cohibir por completo. Restringil-o, poderão; aniquilal-o, é impossivel. Veja-se, por exemplo, o que se deu ha dias com o algodão, que os Governos britânico e francez declararam contrabando. Os Estados-Unidos reclamaram, e foi logo preciso, em face da reclamação, consentir em que os paizes compradores importassem d'aquelle a quantidade habitual para o seu consumo. Quer isto dizer, abriu-se a porta ao contrabando que se tinha em mente reprimir, visto não haver meio seguro de saber quanto cada paiz importador recebe para consumo, necessariamente variavel pelo estado anormal em que se vive, e discriminar pois o que se distrahia em favor das indústrias militares. Veja-se ainda o resultado colhido das advertências, e ameaças ao que parece, feitas aos Gregos no sentido de se absterem de proseguir no seu contrabando com a Turquia: indispol-os contra a pressão que se pretendia exercer sobre o seu commércio, e levar mesmo o antigo presidente do Conselho a declarar que julgava lícito o próprio commércio de munições. E como não esperar a resistênciã dos neutros se é d'um paiz neutro, os Estados-Unidos, que os Alliados não têm escrúpulo em receber as munições de que têm necessidade? Que espécie de lógica haverá em considerar legítimo para os Norte-americanos o que se capitula de illegítimo para os Gregos e as outras nações neutraes da Europa? A pretenderem cumprir á risca a sua Declaração de março findo, os Alliados, que se tinham, sympáthica e muito habilmente, collocado no terreno das reivindicações do Direito internacional admittido, não tardariam a concitar contra si toda a opinião pública dos neutros,

tal qual a Allemanha, com a sua violação da neutralidade da Bélgica e das regras tradicionaes seguidas nas operações militares de mar e terra, anteriormente a concitara contra ella. Seria um procedimento ainda mais para censurar. A brutalidade teutónica pelo menos era franca, « cynica » conforme lhe chama Mr. Asquith; nunca assumira ares de legalista, nem se propoz jámais ser pacifista. Os Alliados propuzeram-se, ao contrário, como defensores da paz e da legalidade universaes; e contudo não hezitavam em exercer sobre os neutros a sua pressão ou influênciã para lhes embaraçar o commércio, adquirir n'elles instrumentos de morte e de combate, e os arrastar mesmo para o formidavel conflicto.

A Declaração de que fallávamos não visava, no fundo, senão a exercer sobr'elles, d'um modo indirecto, essa pressão. Ninguem melhor que o Governo inglez sabia que o bloqueio não poderia effectuar-se a não s'estender, por impossivel, á Europa inteira, e a toda a navegação neutral que d'ella sahia ou a demandava. O seu intuito era pois, na realidade, forçar os povos ainda neutraes a alinhar com o seu partido. Incoherência inopportuna! Não é que se possa contestar-lhe o direito de defeza; é que deve lamentar-se a sua imprevisão acêrca dos limites em que lhe convinha exercitar esse direito. A abstenção de se municiar no estrangeiro neutral, e sobretudo d'involver na carnificina os povos que o não podiam ou queriam, seria excellente que os Alliados a tivessem observado com escrúpulo. Assistia-lhes assim plena razão de contrarestar as manobras do inimigo, e d'organisar, se preciso se tornasse, em torno dos neutros partidários ou cúmplices de actos quaesquer de que lhes derivassem evidentes prejuízos, um

authêntico, um inexoravel bloqueio. Não queremos dizer com isto que este golpe audaz decidia do pleito, ainda menos que bastaria a obviar seguramente á sua ruina; é mesmo de suppôr que a accelerasse. Mas seria uma represália justiceira; e esta ruina tornal-a-hia invejavel, por magnificente, a sua lógica. Vale bem a pena succumbir combatendo pelo que sempre se julgou, e affirmou, constituir a baze mesma da civilização e das relações reciprocas dos povos; e foi a própria Inglaterra que sustentou esta doutrina pela bôcca dos seus mais eminentes estadistas, e do seu representante em Berlim nas seguintes palavras, textuaes, de resposta á pergunta do chanceller Bethmann-Hollweg: « Mas que preço se pagará para observar esse contracto (o da neutralidade da Bélgica). O Governo inglez já pensou n'isso? » :

— « Dei a entender a sua Excellência, o mais claramente quanto pude, que o receio das consequências não se podia considerar como desculpa para romper solemnes compromissos ».

Opportuna e esplêndida resposta, não ha dúvida. Pode-se cahir pel'a haver dado e sustentado, mas com a certeza consoladora de que se cahiu de pé, nobremente e com orgulho.

Apressemos-nos a accrescentar que vão decorridos seis mezes, e tudo nos induz a crêr que a Declaração do bloqueio naval, ou « pressão económica » na sua designação official, não tem sido applicada, nem houve nunca intento de a applicar aos neutros com rigor, e se não pretendeu, por consequente, exercer sobr'elles uma violência que, além d'esteril, seria lamentavel illogismo d'attitude.

O que é certo, no emtanto, é que o propósito de

subjugar o inimigo por esse meio fracassou, nem ha probabilidades de que tenha melhor éxito no futuro. De maneira que o plano dos Alliados, como pensámos que deva deduzir-se dos factos e das operações que o telégrapho vem communicando ao grande público, só tem até hoje recebido uma execução parcial, excepção feita dos pontos indicados relativamente á acção marítima, de todo insufficiente pois para lhes garantir uma victória definitiva e completa. Nas condições presentes, a paz não podia deixar de lhes ser desfavoravel; e é porisso que, ao fallar-se n'ella em qualquer d'esses paizes, com razão os seus Governos teem desmentido esses murmúrios ou esses boatos tendenciosos. Assim os reprimiu, por exemplo, Mr. Asquith quasi no final do seu discurso: «Ouço às vezes leves rumores, pouco mais do que em segredo, de possiveis condições de paz. A paz é o maior de todos os bens, mas não é esta a occasião de se fallar n'ella. Os que fallam na paz, por muito excellentes que sejam as suas intenções, são v́ctimas, a meu juízo, não direi de frívola, mas de grave illusão. É como o chilrear de pardaes no meio do tumultuar da tempestade que está abalando os alicerces do mundo».

Hoje, mais do que ha seis mezes, seria ella impossivel, com effeito, em condições que não fossem, não-diremos humilhantes, necessariamente desastrosas. Os Alliados não possuem, do território europeu inimigo, senão uma pequena faxa da Galícia, que não tardará de resto a ser liberta, umas breves tiras nas fronteiras da Ístria e do Tyrol, um trecho (crêmos) pequeníssimo na Alsácia, e outro retalho no sudoeste da península de Gallipoli. Ha o que arrebataram á Allemanha nas colónias, e á Turquia no mar Vermelho e no golpho

pérsico. Mas que valem todos estes territórios extra-europeus comparados com o que senhoriavam os Austro-allemaes na França, na Bélgica, na Polónia e na Curlândia? E o lado grave d'essas negociações, se fossem possiveis, vinha a ser que o inimigo não deixaria de ter para o futuro na Polónia, libertada por elle (suprema ironia do acaso!), um baluarte ferozmente defendido contra provaveis tentativas de *révanche* moscovitas, e na Bélgica, senão um alliado, um visinho neutral benévolo para urgências eventuaes na defeza ou no ataque. Como se proferido agora, na verdade, o discurso do presidente do Conselho na Inglaterra!

E todavia a situação militar dos Alliados não é bôa; e, por mais que se busque e rebusque, não se vê como possa em prazo curto melhorar. Na Rússia, é o que todos os dias o telégrapho vem dizendo; na Sérvia, a quasi total interrupção d'hostilidades, por motivos que não vale a pena investigar; na França, Itália e Dardanellos, uma alternativa desesperadamente infundavel de ataques e contra-ataques, sem vencedores e sem vencidos, em que não bruxuleia a mais ténue esperança d'uma investida alliviadora, derradeira, resolutiva, que sacuda o tédio aos expectadores.

A não intervirem as multidões, será possível o golpe de misericórdia de que fallávamos, que ponha um termo a esta situação intoleravel? Se é, dal-o-hão—perguntávamos—os Alliados, ou os Austro-allemaes?

Um golpe d'esses consistiria, parece-nos, em desorganisar de todo a resistência d'um dos exércitos principaes do inimigo, pôl-o de todo fóra de combate, e ao mesmo tempo possuir-lhe a capital. A Inglaterra, pelas suas vantagens de Potência naval e insular, está natu-

ralmente fóra de questão. Sem constituir rigorosamente um absurdo, a sua invasão pela Allemanha não passa, até prova em contrário, d'uma risonha fantasia. Estão-n'o egualmente a Rússia pelas razões já produzidas, a Itália pelo seu papel relativamente secundário na contenda, a Allemanha por ser, em toda a força da expressão, um verdadeiro colosso militar. Restam pois a Áustria e a Turquia no bloco dos impérios, não porque militarmente valham pouco, mas porque a sua consistência nacional é, por assim dizer, mais vulneravel; e a França no bloco dos Alliados, embora nada seja inferior ao allemão o seu exército, porque a este exército faltam effectivos para o éxito da operação que se discute, porque tem sido a mais sacrificada, e porque é talvez, de todas ellas, a mais accessivel a um impulso repentino de desespêro ou de desánimo. A Allemanha conta, provavelmente, com isto para ensaiar n'ella o seu golpe decisivo.

Realmente, não é facil entrevêr o seu plano, nem como disporá o momento e os recursos para lhe assegurar, o mais possivel, os effectos. O que parece verosimil é que, uma vez assegurada a nova fronteira conquistada sobre os Russos, procure habilitar os Turcos a expulsar dos Dardanellos e de Gallipoli os Alliados, por ser essa uma empreza de repercussão material e moral que não se torna preciso encarecer. O accôrdo turco-búlgaro a que os telegrammas d'hontem (30 d'agosto) se referem, se é um facto, constituiria já uma preparação para essa campanha fundamental no Oriente. Parallelamente, a Áustria-Hungria, com as tropas disponiveis de leste e as reservas (algumas ou todas) de que não é impossivel que disponha, incumbir-se-hia d'uma offensiva no Veneto, fosse embora no intuito de

distrahir do Oriente a cooperação italiana. Conseguido este objectivo, que mesmo sem a invasão permanente d'aquella provincia italiana, representava uma victória, estava o bloco dos impérios nas condições, materiaes e moraes como dissemos, de tentar com visos d'êxito a redução da principal resistência. que toda a gente concorda, depois do revez dos Russos, em que é, se não era já, a da França.

· Poderão os Alliados substituir-se ao bloco dos impérios n'este golpe? Não sabemos: a questão, visto haver o domínio dos mares, municiões e armamento em abundância, é sobretudo d'effectivos; e a falta d'um experiente e grande exército inglez parece, infelizmente, irremediavel. Como quer que a Inglaterra contribua n'esse capitulo, a Áustria é que não poderia ser o objectivo da campanha a apprehender. Não é limítrophe da França, nem por lado da Itália muito accessivel a invasões. E como a Sérvia não serviria para o intento, pela sua posição e pobreza de recursos a começar em linhas férreas, menos ainda a Romania, por motivos evidentes, a Turquia viria a ser o alvo d'esse esforço enorme e derradeiro. Repetimos o que insistentemente ficou accentuado acima: os Dardanellos são a chave da situação para os Alliados, como a França o é para o bloco dos impérios. Pode a Quádrupla fazer desembarcar na Ásia um grande exército que os ajude a reduzir, e se preciso fôr, que proceda no Bósphoro a igual operação? Pode, se não resolvel-os a adoptar o seu partido, pelo menos a conseguir dos balkánicos, especialmente da Bulgária, uma neutralidade rigorosa? A conquista de Constantinopla seria, não obstante, difficilissima; não seria, comtudo, impossivel como se nos affigurou desde logo, e como os factos véem confir-

mando dia a dia. E é, no entanto, seguro que vale bem a pena de tentar-se.

Não pode? N'este caso, augmenta o risco d'um golpe mortal pelo bloco dos impérios; e quer-nos parecer infallivel, se a França o conseguir parar, ou simplesmente amortecer, e não entrarem em scena outros actores, que o drama europeu não será militarmente resolvido. Outra guerra será então inevitavel, mais tarde ou mais cedo, para lhe dar solução mais completa e mais estavel; e a victória diplomática d'agora pertencerá ao grupo contendor que se mostrar mais unido e persistente, e tiver melhores valores a exhibir, territoriaes e estratégicos, quando a mediação de neutros ou a intervenção das multidões venham impôr, enfim, a paz.

*

* *

P. S.— Resolvemos nada alterar n'este opúsculo, concluído no dia 1 do mez passado (setembro).

EMENDAS

Pag.	lin.	
5	13	Prússia
29	5	de lhe
37	13	tardaria
43	25	os cortar ou involver
62	3	particular embora
73	21	é debater
85	27	talvez que pensem
94	10	de empregar

O leitor corrigirá os erros de caixa.

EMENDAS

Pag.	lin.	
49	27	não parece tambem sél-o
69	21	noroeste

LIVRARIA MOREIRA — Editora

42, Praça da Liberdade, 41—PORTO

Viticultura Pratica Portuguesa (2. ^a edição), por <i>M. Rodrigues de Moraes</i> . 1 vol. illustrado com 144 gravuras	\$70
Tratado Pratico de Vinificação (2. ^a edição), por <i>M. Rodrigues de Moraes</i> . 1 vol. illustrado com 75 gravuras.	\$70
Cabral, Venus geradora , versão de <i>Aníbal Passos</i> . 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
Christã , por <i>Kraszowski</i> , versão de <i>Aníbal Pas- sos</i> . 1 vol.	\$50
A Morte dos Deuses , por <i>Dmitry de Merei- jkowsky</i> , versão de <i>Aníbal Passos</i> . 1 vol. br. \$60, enc.	\$80
Versos da Mocidade (2. ^a edição), por <i>Antonio Fogaça</i> . 1 vol.	\$50
D. Affonso VI (Bosquejos de pathologia histo- rica), por <i>Pinto Ribeiro</i> . 1 folheto	\$15
Encoberto , por <i>José Sampaio (Bruno)</i> . 1 vol.	\$70
Que é o Socialismo? , versão de <i>Thomé de Jesus</i>	\$10

BASILIO TELLES

Opusculos já publicados:

PRIMEIRO: I — Diladura ; II — Regimen Revolucionario . 1 vol. (esgotado).	
SEGUNDO: III — A Constituição ; IV — Finanças . 1 vol.	\$10
TERCEIRO: V — A Questão religiosa . 1 vol. . . .	\$15